

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,  
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

**LETRAMENTO LITERÁRIO E EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO  
LEITOR**

Thiago Barbosa de Oliveira Coutinho

Anápolis-GO

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIA SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,  
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PROCESSOS EDUCATIVOS, LINGUAGEM E  
TECNOLOGIAS

**LETRAMENTO LITERÁRIO E EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO  
LEITOR**

Thiago Barbosa de Oliveira Coutinho

Anápolis-GO

2022

**THIAGO BARBOSA DE OLIVEIRA COUTINHO**

**LETRAMENTO LITERÁRIO E EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DO  
LEITOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias, área de concentração: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias. Linha de Pesquisa: Linguagem e práticas sociais

**Orientadora: Profa. Dra. Débora  
Cristina Santos e Silva**

Anápolis-GO

2022

Para as classes dominantes, ler é sinônimo de  
literatura; enquanto que para as classes populares,  
as múltiplas leituras do cotidiano. (PAIVA, 2007)

## AGRADECIMENTOS

Desde que nascemos começamos uma longa caminhada que para todos os seres vivos é mais ou menos do mesmo jeito: nascer, crescer, reproduzir e morrer. A natureza determina este caminho para todos os seres vivos. O nosso privilégio é entender que estamos neste caminho e que podemos fazer muitas coisas antes do fim. Neste meu caminho fui agraciado por inúmeras pessoas iluminadas.

Eu gosto de acreditar que Deus caminha em cada etapa do meu caminho e agradeço a Ele todos os momentos que me apoiou e não me deixou desistir. Agradeço por ter me dado minha amada mãe, com quem tive a oportunidade de conviver por 13 anos.

Agradeço por ter me dado um irmão, que foi sempre o meu crítico mais severo e por quem nutro um amor profundo.

Agradeço a minha esposa e aos meus filhos, que fizeram desta experiência uma atividade inesquecível. Muito obrigado.

Até aqui agradei as pessoas que fazem ou fizeram parte da minha vida por um laço sanguíneo. Agora se faz necessário um agradecimento muito especial a pessoas que sempre fizeram parte da minha vida, sem ter qualquer obrigação: minhas professoras e meus professores.

Não tenho lembranças da minha primeira professora por ter entrado na escola aos 3 anos, mas sei seu nome e o carinho que esta professora, tia Helena, tinha por mim. Soube deste encanto por relatos de minha mãe. Depois desta professora, tive a senhora Sara, uma professora de língua portuguesa que me influenciou a entrar no mundo das letras e nunca mais sair. No segundo grau, tive a professora Graça, dona Graça, uma professora de Geografia muito rígida e inacreditavelmente preocupada com cada um de seus alunos. Na universidade, tive a sorte de conhecer a professora Teresa, que me apresentou o mundo mais profundo da literatura e da filosofia.

Muito obrigado a estes professores e aos outros que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para minha formação.

Por fim, agradeço aos meus professores, que superaram conosco este momento pandêmico tão conturbado e, em especial, a esta professora que aceitou

me orientar neste trabalho e com quem tive o prazer de conviver, de debater e de crescer academicamente. Muito obrigado, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Débora Cristina Santos e Silva.

## RESUMO

Esta dissertação foi construída a partir da preocupação com os processos de formação do leitor na escola, de como a literatura infantil está sendo trabalhada na escola para formar esses leitores, se existe um programa de letramento literário e como ele vem sendo desenvolvido. Sendo assim, esta pesquisa nasceu da constatação de que os alunos não se desenvolviam como poderiam na escola, e por que isso acontece. Com base neste questionamento, tem-se buscado subsídios que possibilitem uma reflexão sobre o papel da literatura infantil na escola. Desta forma, esse estudo focaliza como os processos de formação do leitor são utilizados na escola para entender como a comunidade escolar e os professores pensam a formação do leitor e o que fazem para que ela aconteça. A investigação deste objeto de estudo tem como base de análise a perspectiva teórica do Letramento e do Letramento Literário (SOARES, 2021, ROJO, 2012 COSSON, 2020), da Literatura Infantil (ZILBERMAN, 2020 COELHO, 2000) e da Educação Estética (SCHILLER, 1995, FRYE, 2017, BARBOSA, 2015). Para tanto, este estudo se dará por meio de pesquisa documental, de natureza qualitativa, com análise de materiais oriundos das seguintes fontes: revisão de literatura e análise de documentos da escola, como o seu Projeto Político Pedagógico (PPP) e planos de aula das disciplinas selecionadas. As análises dos dados serão norteadas pelas seguintes categorias: Alfabetização, Formação do Leitor, Letramento e Letramento Literário, verificando-se o uso dos textos literários na escola e o lugar da literatura nos planos dos professores e nos livros didáticos.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Formação do leitor. Letramento Literário. Educação Estética.

## RESUMÉN

Esta disertación se construyó a partir de la preocupación por los procesos de formación del lector en la escuela, de cómo se está trabajando la literatura infantil en la escuela para formar estos lectores, si existe un programa de alfabetización literaria y cómo se ha desarrollado. Esta preocupación surgió al darse cuenta de que los estudiantes no se estaban desarrollando tan bien como podían en la escuela. A partir de ese cuestionamiento, esta investigación ha buscado subsidios que permitan una reflexión sobre el uso de la literatura infantil en la escuela. De esta manera, este estudio se enfoca en cómo los procesos de formación de lectores se utilizan en la escuela para comprender cómo la comunidad escolar y los docentes piensan sobre la formación de lectores y qué hacen para que esto suceda. La investigación del presente objeto de estudio se fundamenta en la perspectiva teórica de Alfabetización y Alfabetización literaria (SOARES, 2021, ROJO, 2012 COSSON, 2020), Literatura Infantil (ZILBERMAN, 2020 COELHO, 2000) y Educación Estética (SCHILLER, 2000). 1995, FRYE, 2017, BARBOSA, 2015). Por lo tanto, este estudio se realizará a través de una investigación documental, de carácter cualitativo, con análisis de materiales de las siguientes fuentes: revisión bibliográfica y análisis de documentos escolares, como su Proyecto Político Pedagógico (PPP) y planes de estudio de las disciplinas seleccionadas. El análisis de datos presentó las siguientes categorías de análisis: Alfabetización, Formación Lectora, Alfabetización y Alfabetización Literaria, verificando el uso de textos literarios en la escuela y el lugar de la literatura en los planes de los profesores y en los libros de texto.

**Palabras clave:** Alfabetización. Formación de lectores. alfabetización literaria. Educación estética.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>I – A ALFABETIZAÇÃO E OS LETRAMENTOS</b>	<b>15</b>
1.1 Apontamentos sobre alfabetização e letramento e suas concepções	15
1.2 O letramento literário	23
1.3 A formação do leitor	26
<b>II – EDUCAÇÃO ESTÉTICA E O LETRAMENTO LITERÁRIO</b>	<b>36</b>
2.1 Educação estética de Schiller e a formação humana	36
2.2 Concepções de beleza na abordagem estética	39
2.3 Os caminhos da educação estética pelo letramento literário	42
<b>III – ANÁLISE E DISCUSSÕES</b>	<b>53</b>
3.1 A leitura literária e o letramento literário na escola	53
3.2 A formação do leitor na escola	62
3.3 O trabalho com letramento literário na escola	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>96</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende investigar os processos pedagógicos pertinentes ao lugar da Literatura infantil para a formação do leitor em séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola de tempo integral localizada em Aparecida de Goiânia. Essa investigação nasceu do seguinte problema: Quais processos pedagógicos podem levar o aluno a ser um leitor no contexto escolar?

Como objetivo geral da pesquisa, buscamos compreender o processo de formação do leitor na escola municipal de educação integral Monteiro Lobado e a relação com o ensino de literatura infantil. Para isso, buscamos reconhecer as concepções de formação de leitor e de letramento e, em especial, de letramento literário e, posteriormente, propor ações que auxiliem na formação do leitor em uma perspectiva de letramento literário, auxiliando os discentes a passarem da decodificação simples para a leitura de textos literários e outros gêneros com o fim de formar um leitor.

Desta forma, como objetivos específicos desejamos a) identificar os meios pelos quais os alunos são alfabetizados, no âmbito do processo de letramento na escola; b) avaliar as condições atuais do letramento literário na escola; c) investigar os métodos de ensino que são usados para a formação do leitor. Ao final, é nosso intento propor práticas de letramento literário na escola-campo, tendo como método a Educação Estética e o Letramento Literário.

Iniciaremos, então, nossas reflexões com um breve relato de nossa própria experiência de alfabetização e letramento:

A leitura é um aprendizado com um início diferente para cada pessoa, mas sempre misterioso, grandioso, ousamos dizer mágico. É mais ou menos assim que o senso comum pensa a leitura, com uma ou outra variação no pensamento.

Para mim não foi diferente, em algum momento de minha vida, numa escola deste nosso país passei pelo processo de alfabetização. Vejam que digo passei, porque foi exatamente isso que ocorreu, não me lembro do nome da professora, não me lembro de sua face; só me lembro do b com a faz bá, b com é faz bé, b com i faz bi, b com o faz bo, b com u faz bu; bá, bé, bi, bó, bu. Cantado em uníssono pela turma quase em transe pela melodia da professora.

Essa combinação entre os símbolos até então desconhecidos e sons eram uma promessa de entrada para um mundo novo, a chave de uma porta dourada onde nós poderíamos entrar e conhecer toda a sorte de coisas; em pouco tempo faríamos parte de um grupo de pessoas que sabem ler.

A promessa era passar pela alfabetização e aprender a ler, a promessa estava longe de ser a verdade. A habilidade de ler ia muito além da capacidade de decodificar alguns sinais gráficos. A bem da verdade muitos não conseguem nem decodificar os sinais corretamente. Nós professores chamamos esse fenômeno de falha de alfabetização. Claro está que eu sou um desses casos.

Até a antiga sétima série minha capacidade leitora, melhor seria dizer minha capacidade decodificadora era muitíssimo limitada, possuía uma leitura silabada e até então jamais tinha conseguido ler mais que uma página e com um aproveitamento mínimo, daqueles que o leitor não sabe explicar o que leu. Nunca entendi como cheguei à 7ª série com essa habilidade tão pouco desenvolvida.

Uma professora de língua portuguesa, que tive a sorte conhecer nesta época, que também não entendia como uma criança era jogada de uma série para outra sem saber ler, fez toda a diferença na minha vida. Passei por um novo processo de alfabetização com esta professora, eu ia à casa dela todas as tardes. Minha sede de aprender e a vontade de ensinar da professora eram absolutamente compatíveis. Esta professora me ensinou a decodificar a língua enquanto me ensinava a ler. Só entendi a diferença muitos anos depois quando já tinha perdido o contato com ela.

A face desta minha querida professora já quase desaparece de minha memória, mas seus ensinamentos me acompanharam por toda a vida. Esta professora me mostrou que o texto não estava preso no papel, que as palavras não podiam ser contidas em sinais gráficos e que elas podiam apresentar significado diferente para pessoas diferentes.

Ela me apresentou a literatura e me mostrou como as palavras podiam ser trabalhadas para se construir nas nossas mentes sentimentos que nem sabíamos os nomes, mas podíamos senti-los pela construção de uma boa narrativa.

Pendurei-me pelas teias dos quadrinhos do Homem Aranha, corri da chuva com o Cascão, falei com os animais por influência do Bidu, vivi mil histórias com *As aventuras de Xisto*, Almeida, 1981, me perdi em uma ilha com Robison Crusoe, Defoe, 1999, tive muitas outras experiências com Narizinho e tantos outras personagens; por fim me apaixonei por uma rosa que ficava sozinha enquanto seu Pequeno príncipe viajava pelos mundos, este que em suas primeiras páginas me ensinou a ver a perfeição dentro de uma caixa na forma de um carneiro.

Depois da professora caminhar comigo de mãos dadas por alguns meses me mudei e nunca mais encontrei ou soube desta professora que salvou a minha vida, me ensinou a ler. Passei de um aluno medíocre a um bom aluno e dois grandes sentimentos caminharam comigo daquele momento em diante. O desejo de construir mundos maravilhosos e inspirar as pessoas que tivessem contato com meus textos; e o desejo de retribuir o favor à quantas pessoas fosse possível. Assim desejei ser professor e ser escritor com a mesma intensidade e afinco.

Tendo compartilhado aqui minha experiência como leitor, formado pela escola, busco agora refletir como um professor, diante dos desafios que nos apresenta a realidade escolar.

Um professor, em nosso país, é envolto em uma aura de mistério, visto como um ser mítico que não existe fora da escola. Um profissional que não conta com quaisquer incentivos, que trabalha com uma quantidade enorme de vigilância, a saber - dos coordenadores, diretores, colegas, pais, alunos e políticos.

Um profissional que o senso comum acredita que pode ser substituído por outros sem a devida formação e que esta substituição não trará prejuízos. Esse professor que não deve trabalhar por dinheiro, como qualquer outro profissional, nós temos que trabalhar por amor.

Uma infinidade de nós trabalha mesmo por amor e não é raro termos outro trabalho ou trabalharmos em 3 turnos todos os dias e ainda passarmos o final de semana planejando, corrigindo e pensando o trabalho que faremos; nas palavras

de um professor que conheci tem pouco tempo “nossa atividade se passa em três partes, antes, durante e depois”.

Nestes meus 21 anos de caminhada na docência, ouvi muitas coisas sobre o fazer pedagógico, mas logo no início uma velha docente me disse que quando chegamos aos 20 anos de docência nos anestesiámos e já não nos importamos mais com tanta força.

Cheguei aos 21 anos e ainda me importo com a mesma força do início, não desisti, sinto que sou professor, não é só uma coisa que eu faço, é algo que eu sou. Ainda me lembro da minha primeira turma, ainda me lembro da sensação de ficar à frente daquelas 80 pessoas em absoluto silêncio, com aquele olhar direto para mim almejando que eu lhes indicasse um caminho para um mundo melhor.

Ainda me sinto assim em cada turma que entro, todos os dias, a cada texto que leio, a cada aluno que seguro na mão para o ajudar a fazer suas primeiras letras.

Já faz algum tempo um incômodo antigo cresceu e, aos poucos, foi tomando conta da minha vida. Por mais dedicado que fossem meus esforços, meus alunos não atingiam plenamente suas capacidades, considerando o tempo que passavam comigo e com todos os professores antes de mim. O gosto pela leitura era cada vez menor quanto mais os alunos avançavam nas séries.

Com esse sentimento e a vontade de fazer melhor comecei um programa na minha escola que visava a valorização da leitura. A ideia inicial foi criar momentos em que a leitura fosse privilegiada, mas essa leitura não era direcionada para qualquer atividade, era apenas pelo prazer de ler. Busquei parcerias, conseguimos doações de livros e criamos os cantinhos da leitura na escola. Posteriormente, na sexta-feira, criamos um momento de estudo dirigido voltado para toda escola com a participação de todos os docentes e discentes. Por fim, criamos as bibliotecas de sala de aula onde o aluno poderia ler quaisquer livros que quisesse nos seus horários ociosos.

Percebi que a leitura por ela mesma não era suficiente e que era necessário ensinar a olhar. É absolutamente necessário ensinar a ler e a escrever.

Neste trabalho faremos distinção entre a alfabetização e o letramento<sup>1</sup>. Acreditamos que eles devam ocorrer juntos, mas são fenômenos diferentes. Tendo em vista este processo ao qual todos passamos, a alfabetização; acreditamos que um tipo de letramento, o letramento literário deve ocorrer na escola antes mesmo de se iniciar o processo de alfabetização. Se faz necessário educar a imaginação por meio da educação estética o docente pode ainda no jardim de infância ler para as crianças, explicar o mundo da literatura e suas regras, mostrar que existe uma ponte do mundo da imaginação para o mundo real.

Ajudar os alunos a verem as belezas de um texto antes mesmo do aluno começar a diferenciar imaginação de realidade. Com essa prática de leitura partindo de um leitor experiente que pode, junto com seus estudantes, deslumbrar belezas que ele vê e encontrar belezas que só podem ser vistas com a lente dos olhos de uma criança.

Essa atividade antes mesmo de conhecer as letras, antes de começar o processo de alfabetização educará o olhar infantil a explorar o mundo literário e esse conhecimento construído junto com o professor será usado para ajudar nossos estudantes a se desenvolverem para se tornarem um leitor.

É na literatura infantil que apresentada para nossas crianças, possibilitaremos o primeiro contato com um mundo organizado em torno da imaginação e da beleza. A literatura infantil mescla a arte de escrever com elementos imagéticos; ainda estimula a imaginação, a criação e possibilita pela experiência das personagens, vivências que os discentes já tiveram ou que possam vir a ter. Esta vivência com a literatura infantil abre um mundo novo de grandes experiências na segurança das páginas de um livro.

---

<sup>1</sup> Usamos a palavra letramento na perspectiva de Magda Soares, que entende o letramento de forma ampla e se aplica a quaisquer tipos de textos e contextos onde a língua é usada.

É assim que, diante desse cenário, desenvolvemos esta pesquisa, bibliográfica e documental, que está sendo realizada no âmbito de uma escola de tempo integral do município de Aparecida de Goiânia-GO.

As bases teóricas desta pesquisa são formadas por três áreas do conhecimento que se complementam: a Educação Estética, a Literatura Infantil e o Letramento Literário. Nosso principal autor da Educação Estética é Friedrich Von Schiller (1759-1805), mentor intelectual do Romantismo alemão e dos modernos conceitos da Estética na Literatura e nas Artes. O autor também era dramaturgo, médico e filósofo, considerado o pai da Educação Estética. Seus ensinamentos são a base para toda a teoria que se desenvolveu sobre Educação Estética até nosso tempo, influenciando críticos como Northrop Frye e Ricardo Barbosa.

Na Literatura Infantil, baseamo-nos em vários autores, tais como Cecília Meireles, Vera Maria Silva, Vicent Jouve, Regina Zilberman, Nelly Novaes Coelho, Maria Amélia Dalvi, José Nicolau Filho, Joseane Maia e Maria do Socorro Macedo. Já nas questões de Letramento, recorreremos a Rildo Cosson, Magda Soares, Brian Street, entre outras. Consultamos muitos outros autores sobre alfabetização e letramento.

Nesta pesquisa, focalizaremos, então, o letramento literário na escola, o lugar da leitura e da escrita, o uso dos textos literários em sala de aula, os processos de alfabetização e letramento literário na escola-campo e os contextos do desenvolvimento dos leitores, partindo do 1º ano do ensino fundamental até o 5º ano do ensino fundamental, com base nos documentos escolares, tais como plano de curso, plano de aula, Projeto Político Pedagógico, relatórios de atividade discente, entre outros. Proporemos atividades com base nos estudos de campo, já realizados por outros pesquisadores, e também na nossa própria experiência, que já demonstraram como o Letramento Literário é fundamental para o desenvolvimento de um leitor.

## **I – A ALFABETIZAÇÃO E OS LETRAMENTOS E A FORMAÇÃO DO LEITOR**

Neste capítulo, faremos um breve estudo da história da alfabetização e do letramento literário no Brasil, e suas concepções ao longo do tempo. Também falaremos do letramento literário, de como se desenvolveu e sua relação com a escola e, por fim, faremos um breve histórico da formação do leitor, em especial no Brasil, passando pelos conhecimentos acadêmicos sobre o tema e pelos documentos oficiais que trataram do assunto mais recentemente.

### **1.1 Apontamentos sobre alfabetização e letramento e suas concepções**

A nossa Constituição 1988 em seu artigo 205 diz que a educação é direito do cidadão e dever do estado e da família. O acesso à educação no nosso país sempre foi problemático por vários fatores, alguns de ordem social, outros de ordem geográfica e há ainda os de ordem estrutural. Historicamente o acesso à educação foi um privilégio para uma minoria (MORTATTI, 2011).

Segundo Saviani (2010) a educação enfrentou grandes problemas para ser implementada como um sistema educacional no Brasil no século XIX, além de restrições orçamentárias que foi de 1.8% do orçamento no período de (1840-1888) também tínhamos divergências de ordem pedagógica. Com esse orçamento por 49 anos o sistema educacional brasileiro “não foi implantado o que nos fez acumular uma defasagem história em matéria de educação” (SAVIANI, 2010, p. 166-167).

Vamos entender alguns fatores: nosso país conta com um abismo entre as classes sociais, as diferenças de oportunidades são gigantescas entre ricos e pobres, a escola é a instituição que pode dar as ferramentas para que as classes menos afortunadas possam se desenvolver em todos os campos do conhecimento humano e com isso, possivelmente conseguirem ter uma vida melhor. Essa diferença social coloca uns em contato direto com os conhecimentos produzidos pela humanidade e seu patrimônio cultural mais valorizado e outros possuem um contato muito pequeno ou irrelevante com essa cultura mais valorizada.

Não perdendo de vista as muitas particularidades de cada escola espalhada por esse país, temos uma teoria que se desenvolveu dos anos 1970 para cá que versa sobre alfabetização e letramento. Longe de termos um consenso sobre o tema alfabetização e letramento ao longo do tempo, há



algumas ideias que aparecem nos documentos oficiais e que são difundidas e implementadas nas escolas, há também grupos de teóricos que comungam com algumas ideias na academia e as divergências acabam ficando em segundo plano. Nossa escola, objeto deste estudo, não é diferente e conta com várias concepções de como ensinar a ler e escrever.

A concepção mais corrente sobre alfabetização é a que nos fornece Cagliari (1992, p. 8) a “alfabetização é a aprendizagem da escrita e da leitura”. A primeira pergunta que nos vem à mente quando leio a definição de Cagliari é quando o aprendizado de leitura e escrita começa? Começa no choro quando ainda estamos apenas querendo satisfazer nossas necessidades fisiológicas? Choramos quando temos fome, frio, medo, dor, etc. E nossos pais que entendam, que façam a leitura de qual é nossa necessidade daquele momento.

Aprendemos que ao chorar alguém fará com que nossas necessidades sejam satisfeitas. Esse movimento não é leitura? Conforme vamos crescendo nossa capacidade de ler o mundo que está ao nosso redor se desenvolve muito rapidamente e aprendemos a ler até as pessoas que cuidam de nós.

Sabemos a hora de pedir alguma coisa, entendemos um olhar, um aceno de cabeça, isso tudo não é leitura? Aos 4 ou 5 anos dominamos a linguagem e somos capazes de nos comunicar perfeitamente com as pessoas ao nosso redor e explicar nossas necessidades.

Fazemos todas essas leituras do mundo que nos cerca e das pessoas que convivem conosco. Já compartilhamos do mundo da palavra escrita, já vemos na televisão, celulares e computadores, mas ainda não fazemos ideia de como a combinação das letras acontecem, ainda nos parece um mistério.

Muitos de nós terão uma relação mais próxima dos números que serão usados para quantificar o mundo e a leitura que se relaciona com os números também se desenvolve muito antes da escola.

Leremos livros por suas imagens impressas, leremos desenhos animados por suas relações com um mundo que os adultos consideram fantástico, mas que para as crianças é só mundo porque o fantástico e real ainda são uma coisa só para elas, como qualquer pessoa com convivência infantil pode constatar.

Essas jovens almas ainda veem a chuva como uma coisa mágica que acontece no mundo inteiro ao mesmo tempo. Fadas, animais falantes,

brinquedos mágicos e toda sorte de coisa do mundo mágico ainda são totalmente factíveis para as crianças.

A criança começa seu caminho pelo mundo da leitura e da escrita muito antes de chegar à escola, porém, em geral os pesquisadores e professores ignoram este fato e fazem suas análises do momento em que os alunos chegam à escola. A definição de Magda Soares é mais aprofundada e nos amplia o horizonte sobre alfabetização ao mesmo tempo que relaciona o conhecimento prévio que as crianças têm do mundo e da língua:

Em seu sentido pleno, o processo de alfabetização deve levar à aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas a aprendizagem de uma peculiar e muitas vezes idiossincrática relação fonema-grafema, de um outro código, que tem, em relação ao código oral, especificidade morfológica e sintática, autonomia de recursos de articulação do texto e estratégias próprias de expressão/compreensão. (SOARES, 2008, p. 17).

A relação que Soares (2008) estabelece leva em conta um fator muito importante do processo de alfabetização, falar é diferente de escrever. Veja que ela fala de ensinar um novo código que possui uma relação específica com o texto escrito. Aprender esse novo código é um processo que deve ser bem desenvolvido e que não devemos perder de vista as inúmeras diferenças entre a fala e a escrita.

Lemle nos lembra que existem três tipos de relação entre letras e fonemas que não podemos ignorar na alfabetização:

Relação de um para um: cada letra com o seu som, cada som com a sua letra;  
Relação de um para mais de um, determinadas a partir da posição: cada letra com um som em uma dada posição, cada som com uma letra numa dada posição;  
Relação de concorrência: mais de uma letra para o mesmo som na mesma posição (LEMLE, 1988, p. 25)

Como podemos observar aprender a escrita tem muitos detalhes e nuances a se observar e ainda nem entramos na questão de ler efetivamente a palavra escrita, até aqui estamos apenas falando de aprender a decodificar a língua.

Temos agora um aluno que chegou à escola com um universo de conhecimento sobre leitura do mundo Freire (2017) ávidos por conhecer as letras

que o possibilitará a entrada na comunidade letrada da qual ele faz parte, em geral, os alunos são motivados a aprender a ler tanto pela família como pela comunidade, motivados a aprender a ler na concepção de Cagliari (1992), citada anteriormente, que é a ideia corrente sobre aprender a ler, ou seja aprender a decodificar a língua.

Cabe ao professor percorrer este caminho de ensinar as arbitrariedades da língua desde o início e explicar que escrever é diferente de falar, que a língua escrita tem particularidade que só são encontradas na escrita. Concordamos com Cagliari (1992) neste aspecto, não se faz mister mudar o nome dos termos gramaticais ou criar caminhos desnecessários para se ensinar a língua:

Mesmo para os que sabem é preciso dizer, logo no início, o que é a escrita, as maneiras possíveis de escrever, a arbitrariedade dos símbolos, a convencionalidade – que permite a decifração – as relações variáveis entre letras e sons – que permite a leitura. Enfim, é preciso não camuflar a complexidade da língua. (CAGLIARI, 1992, p. 99-100)

Não precisamos chamar de chapeuzinho o acento circunflexo, pois em nenhuma fase da vida estaremos mais aptos a aprender que na infância. Podemos chamar o hífen de hífen, o acento agudo de agudo e a cedilha de cedilha, não é necessário chamar de outro nome para que posteriormente se tenha que corrigir esses nomes inventados pedagogicamente para facilitar o entendimento das crianças, elas são totalmente capazes de entender a nomenclatura da língua.

Para trabalhar esses aspectos da língua existe um livro muito conhecido chamado *Marcelo, martelo, marmelo* da autora Ruth Rocha (1976) que aborda de forma muito interessante esses aspectos da linguagem. Este livro de literatura infantil ainda nos permite trabalhar com um aspecto fundamental da alfabetização, o aspecto social e político da língua.

Todos os textos possuem uma infinidade de vozes. Aprender a escrita e a leitura é um processo individual que está intimamente ligado com um aspecto social da língua, sempre escrevemos para um leitor. Smolka chama a atenção para este aspecto da alfabetização:

A questão pedagógica da alfabetização merece ser analisada não apenas do processo de construção individual do conhecimento,

proposto por Piaget e Ferreiro, mas precisa ser situada levando-se em conta o processo de internalização dos papéis e funções sociais apontados por Vygotsky. Ganha força aqui o caráter intersubjetivo dessa construção, no jogo das representações sociais e políticas. (SMOLKA, 1993, p. 58.)

Para que a alfabetização se efetive deve-se levar em conta o aspecto social e político da aprendizagem entendendo qual lugar o estudante está inserido, quais são seus conhecimentos prévios, suas capacidades leitoras para assim poder traçar planos de trabalho para cada aluno levando em conta a condição de desenvolvimento do grupo de alunos para que não haja uma discrepância muito grande entre os estágios de desenvolvimento de cada aluno.

Desejamos lembrar que ao utilizar uma obra de literatura infantil para demonstrar questões gramaticais, também devemos apresentar e trabalhar todas as outras questões que a arte possibilita, questões essas que abordaremos posteriormente.

A alfabetização é o primeiro passo formal da formação do leitor, mas a simples codificação e decodificação já não atendem as demandas de nossa sociedade letrada, se faz necessário uma formação mais ampla como podemos observar pela fala de Mortatti:

De fato, ainda é preciso aprender a ler e a escrever, mas a alfabetização, entendida como aquisição de mera decodificação e codificação da linguagem escrita e as correspondentes dicotomias analfabetismo x alfabetização e analfabeto x alfabetizados não bastam. É preciso, hoje, também saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as contínuas exigências sociais, e esse algo mais é o que se vem designando de “letramento”. (MORTATTI, 2004, p. 34).

Depois desta trajetória de conceitos sobre alfabetização entendemos que o processo de alfabetização compreende o ensino do código da língua que permite a decifração da escrita ao mesmo tempo que se ensina a escrita em todas as suas arbitrariedades, mas entendemos, assim como Mortatti (2004) que essas habilidades não são suficientes para se formar um leitor, desta forma apresentaremos como os conceitos de letramento se desenvolveram no Brasil.

As melhores explicações sobre o termo “letramento” que encontramos são de Soares (2020). Vamos partir da definição que ela nos fornece e depois percorrer o caminho de formação deste termo para entendermos a razão pela qual ele passou a ser empregado junto com a alfabetização.

O termo “letramento” surgiu com a tradução do termo em Inglês *literacy*, que em tradução livre significa qualidade ou condição de letrado. A palavra surgiu devido à necessidade de indicar um novo fenômeno, a necessidade de saber usar a língua em contexto social. “[...] novas demandas sociais de uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-la”. (SOARES, 2020, p. 20). Essa necessidade se consolidou no Brasil com o termo letramento que posteriormente ganhou uma gama de significados dependendo do pesquisador que o estudou. Magda Soares começa a pensar letramento como:

Resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2020, p. 18)

Nesta citação ainda não temos a noção clara que a autora vai desenvolver sobre letramento ao longo dos anos, mas já temos a ideia de apropriação de uma habilidade que é usada em um contexto social. Soares faz uma distinção contundente entre alfabetização e letramento:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2020, p. 39-40)

Como podemos observar, o letramento está completamente ligado com as práticas sociais de leitura e escrita, o letramento é o uso social que fazemos da leitura e da escrita, enquanto a alfabetização está ligada ao aprendizado necessário para que possamos codificar e decodificar a escrita. Soares (2020) deixa claro em sua fala que não há letramento sem alfabetização pois se faz necessário o uso da escrita e a capacidade de ler para ser letrado; em outras palavras é necessário saber decodificar a língua para ser letrado.

Ideia parecida encontramos em Tfouni (1988), que entende o letramento como um processo de aquisição social e cultural:

Enquanto que a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. (TFOUNI, 1988, p. 16)

Os dois autores, Soares (2020) e Tfouni (1988), concordam com o aspecto social do letramento e do processo de aquisição do código da alfabetização; Mortatti (2004) também concordam com o aspecto social do letramento e ainda temos uma argumentação que se desenvolve sobre os graus de alfabetização e letramento. Estas pesquisadoras não acreditam que exista uma pessoa em grau zero de alfabetização e letramento em sociedades letradas. Começando por Mortatti (2004):

Em se tratando de sociedades letradas, ou que tem algum tipo de contato com elas, não se pode afirmar que exista um nível zero de letramento, nem uma distinção precisa entre letramento e analfabetismo, nem tampouco, iletrados absolutos. Assim também não se pode fazer distinção radical entre usos orais e usos escritos da língua, uma vez que esses usos se interpenetram. Mesmo adultos ou crianças analfabetos ou pertencentes a grupos com culturas propriamente oral podem ser consideradas letradas em certo nível, porque podem utilizar em seu discurso oral características apontadas como exclusivas do discurso escrito, indicando sua imersão no letramento, por meio de práticas orais de socialização do escrito e da aprendizagem não escolar da cultura letrada. Ou ainda pode ocorrer que pessoas alfabetizadas tenham um baixo nível de letramento, chegando mesmo a ser consideradas iletradas. (MORTATTI, 2004, P. 106-107)

Mortatti (2004) já nos apresenta uma gama de ideias que são compartilhadas com a maioria dos pesquisadores de letramento e alfabetização. Não temos um grau zero de letramento e alfabetização em sociedade letrada, que pessoas ou comunidades iletradas se relacionam com pessoas e comunidades letradas o que lhes proporciona em algum nível um certo grau de letramento e que temos pessoas alfabetizadas com um grau pequeno de letramento que pode ser considerado irrelevante. Magda Soares pensa na mesma direção:

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se viver em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* carta para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que em geral, dita usando vocabulário e estrutura próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é de alguma forma **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança ainda é analfabeta, porque não aprendeu a ler e a

escrever, mas já penetrou no mundo do **letramento**, já é de certa forma **letrada**. (SOARES, 2020, p. 24/grifos da autora/)

Como podemos observar no trecho acima, temos um entendimento de letramento bastante amplo, já que este entendimento está relacionado ao uso social que faz da leitura e da escrita, mesmo que a pessoa não saiba ler e escrever.

Soares (2020) entende que a pessoa inserida em uma comunidade letrada desenvolve algum grau de letramento. Quando Soares (2020) se refere ao caso infantil também vai na mesma linha de pensamento, uma vez que a criança ainda não sabendo ler e escrever, contudo, está imersa em uma comunidade letrada com pessoas traduzindo os códigos que a criança ainda desconhece vai desenvolvendo um certo grau de letramento.

É comum que a criança solicite a um adulto que leia algo que ela deseja conhecer, mais que isso, às vezes a criança deseja saber o que está escrito e seu significado. Kleimen (1995) também pensa no uso social da língua e define letramento como o uso social que se faz da língua em uma comunidade letrada:

Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico, enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos (SCRIBNER e COLE, 1981, apud KEIMEN, 1995, p. 19)

Kleimen (1995) também entende letramento como uma prática social que se faz da escrita e da leitura, o entendimento desta autora está mais ligado as pessoas alfabetizadas uma vez que ela cita lugares e usos específicos para se usar a escrita e a leitura.

Mesmo entendendo que uma pessoa analfabeta possa ter um certo grau de letramento, entendemos que a alfabetização e o letramento são processos que estão ligados intimamente e podem ser feitos juntos. O ideal é que aconteçam ao mesmo tempo, como sugere Soares (2020) e que o processo de letramento continue por toda a vida escolar do aluno dentro e fora da escola:

O ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 2020, p. 47)

Divergimos quanto ao entendimento sobre o tempo que se leva para tornar-se uma pessoa letrada. A escola, hoje, leva dois anos para alfabetizar uma criança e acreditamos que neste tempo não é possível tornar um indivíduo letrado; acreditamos que nem é possível que uma pessoa adquira as ferramentas para se desenvolver por si só em uma comunidade letrada, mas falaremos com mais riqueza de detalhes sobre este assunto posteriormente.

O importante aqui é que concordamos com a autora quando ela diz que esse processo de letramento deve ser sistematizado pela escola e que deve começar assim que a criança entra na escola, junto com a alfabetização ou antes mesmo do processo de alfabetização como a própria autora já indicou quando disse que a criança que ainda não foi alfabetizada “já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função” (SOARES, 2020 p. 24).

O processo de letramento pode e deve ser feito pela escola assim que a criança ingressa no ambiente escolar, mesmo que a criança tenha tido pouquíssimo contato com os elementos da comunidade letrada que está inserida. A escola será capaz de organizar esses elementos da comunidade letrada no ambiente da sala de aula juntamente com outros elementos da comunidade letrada que já aparecem naturalmente na escola, tais como cartazes, comunicados, bilhetes, lembretes, livros, entre outros.

O que percebemos ao pensarmos sobre esses conceitos apresentados até aqui é que o letramento possui dois aspectos fundamentais e eles aparecem da seguinte forma:

O primeiro na esfera individual que se relaciona com as habilidades de compreender um texto e seus contextos e com isso ser capaz de articular a escrita de forma lógica e argumentativa saindo do senso comum e passando para um senso crítico, processo que leva anos para acontecer e precisa ser guiado por leitores experientes. Dentre todos os tipos de letramentos que temos a nossa disposição hoje, o letramento literário é o que apresenta os mais variados recursos para possibilitarmos que um leitor iniciante evolua até se tornar um leitor. Pensamos que o letramento literário atende essa demanda porque é o letramento que trabalha com a literatura infantil e a literatura abrindo, para nossos leitores, mundos que são inacessíveis para a maioria dos alunos até chegarem à escola.



O outro aspecto do letramento literário está ligado a esfera social, ao uso que se faz da leitura e da escrita dentro de uma comunidade de leitores, esse uso se relaciona com a cultura local e mundial uma vez que nossas comunidades letradas estão ligadas a outras comunidades letradas neste nosso mundo globalizado.

## **1.2 O letramento literário**

O letramento literário pode fornecer todos os elementos para formar um leitor, uma vez que neste letramento todos os outros se fazem presentes. Nossa concepção de letramento literário está ligada ao trabalho desenvolvido por Cosson (2020) e seus colaboradores. Para Cosson (2020) o letramento literário é um processo de letramento por meio da literatura na escola, mas destacando seu valor social ajudando ao aluno a dominar os muitos usos da linguagem tanto por meio da leitura como da escrita. As possibilidades do letramento literário:

É o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobre tudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. (COSSON, 2020, p. 12)

Queremos ressaltar que o letramento literário é um processo que não se inicia e nem termina na escola. Porém, a escola é a instituição que pode proporcionar as ferramentas que o leitor usará por toda a vida enquanto se constrói como leitor.

Aproveitando que tocamos no assunto leitor, queremos enfatizar o que entendemos por leitor nesse trabalho. O leitor é um indivíduo em contínuo processo de formação, uma vez que cada leitura nos modifica de maneira diferente, porque a leitura está relacionada com o mundo que construímos ao longo do tempo. Mesmo que voltemos a ler o mesmo texto, extrairemos dele, significados diferentes por não sermos mais o mesmo leitor de outrora.

Tendo essas ideias em mente entendemos um leitor que está em processo contínuo de formação dentro e fora da escola, mas que ganha seu instrumental de leitura dentro da escola.

É a escola que pode ajudar ao estudante a entender e a conhecer coisas que ele ainda não conhece e não entende. É a escola que pode colocar o

estudante em contato com várias ideias e concepções já estabelecidas pela sociedade e lhe oportunizar o seu questionamento. É a escola que apresentará os cânones da literatura e os deixará palatáveis. É na escola que o aluno é levado a pensar sobre a sua realidade e a realidade das outras pessoas. A apropriação da linguagem em sua expressão máxima, a literatura, torna o indivíduo cheio de saberes sobre si e sobre o mundo. Cosson corrobora com essa ideia.

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter seu lugar na escola. (COSSON, 2020, p.17)

Qual outra disciplina na escola se comunica tão profundamente com a alma humana que a literatura? A alma humana está formada pelas palavras que nos rodeiam em todos as suas cores e sabores mesmo antes de irmos ao mundo no ventre de nossa mãe.

Não vamos perder de vista que a literatura na escola é sempre escolarizada, não podemos perder de vista que a literatura oferece uma experiência onde o indivíduo pode se humanizar e também fruir ou ao contrário pode primeiro fruir e neste processo se humanizar dependendo do trabalho que será desenvolvido.

A escolarização da literatura deve oferecer a fruição e a humanização sem perder de vista que ela também deve proporcionar ao leitor em formação vários pontos de vista, fazer com que o estudante entenda que ele está ligado a uma comunidade leitora vasta que pode concordar ou discordar do que ele pensa. Essa experiência deve formar leitores capazes de criticar o que leem dialogando com o autor e com a comunidade leitora em que está inserida, entendendo que seu próprio mundo de leitor se toca no mundo do escritor. Soares e outros pesquisadores:

[...] detalham essa questão e explica que a escolarização da literatura é um processo inevitável, o que se deve negar é deturpação, ou seja a inadequação e imprópria escolarização da literatura:

[...] o que se quer deixar claro é que a literatura é sempre inevitavelmente escolarizada, quando dela se apropria a escola; o que se pode é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura – aquela que conduz mais eficazmente às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e as atitudes e valores que correspondem

ao ideal de leitor que se quer formar – e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura – aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura. (SOARES, et al, 2003, p. 24 – 25.)

A literatura pode ser bem ou mal utilizada na escola segundo vimos na citação anterior, se faz necessário que seu uso seja bem planejado e o processo de formação do leitor por meio da literatura seja desenvolvido em todas as suas etapas, sem que o professor perca de vista que esse processo é flexível, podendo e devendo sofrer ajustes sempre que necessário. Tampouco podemos perder de vista que o contato com a literatura, muitas vezes, só é possível para o aluno no contexto escolar. Walty corrobora com essa ideia, pois

[...] muitas vezes a escola é o único lugar em que a criança tem acesso ao livro e ao texto literário. Numa sociedade empobrecida, a escola não pode prescindir de seu papel de divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela, mas para poucos. A literatura deve circular na escola, pois urge formar um leitor sensível e crítico, que perceba o sentido do ritual, faça parte dele sem se submeter cegamente. (WALTY, 2003, p. 54)

Sendo a escola, por vezes, o único lugar em que muitos estudantes terão contato com a literatura, se faz mister um trabalho elaborado em que as várias possibilidades de formação que a literatura oferece apareça e floresça.

### **1.3 A formação do leitor**

Vejamos como a falta de uma formação adequada do leitor na infância reflete no leitor adulto. A capacidade de ler do povo brasileiro e de entender o que se lê é uma das piores do mundo e vem caindo a cada ano segundo a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, 5ª ed. 2020. Segundo esta pesquisa tivemos uma redução no número de leitores de 48%, nos últimos 4 anos, o que significa 93 milhões de pessoas. A média de leitura de livros por ano é de 2,6 livros lidos por ano, porém, estes livros são de baixa complexidade. O baixo número de leitores no Brasil tem raiz histórica, segundo Barbosa, (1994) a política de ensino adotada no Brasil para as populações com menor capacidade de cobrar melhores condições do governo foi a mais elementar possível quando a expansão do ensino ocorreu. Desta forma,

[...] a política de expansão adotada limitou também o tipo de atendimento para cada grupo social. Assim, para os grupos de maior poder reivindicatório, foram oferecidos os graus mais elevados de ensino: para os de menor poder de pressão, uma escola básica, dos rudimentos da leitura, escrita e aritmética. (BARBOSA, 1994, p.26).

Com esta oferta de rudimentos de leitura para a maior parte da população por um longo período de tempo, temos hoje o grande número de não leitores em nosso país, conforme assinala Barbosa:

[...] a difusão da alfabetização garantiu, então, a expansão de uma certa modalidade de leitura a grande maioria do corpo social, ao mesmo tempo que permitiu a uma minoria da população ascender a categoria de leitor qualificado, pela adoção da leitura como prática familiar e social, ou mesmo pelo prolongamento da escolaridade. (BARBOSA, 1994, p. 30)

Por volta dos anos 1970, começou um movimento que visava melhorar os métodos de ensino-aprendizagem de leitura e escrita. Depois esse conjunto de estudos ficou conhecido como letramento aqui no Brasil, visto que visava melhorar a maneira como se ensinava a ler. Ensinar a ler era ensinar a juntar elementos da escrita como nos explica Barbosa:

No caminho sintético, o processo da leitura é a soma dos elementos mínimos – o fonema ou sílaba, o aprendiz aprende a palavra. Pela somatória das palavras, a frase e o texto. O analítico parte da significação da língua – palavra, frase, conto. E por uma operação de análise, a palavra é segmentada em seus elementos mínimos: fonema ou sílaba. (BARBOSA, 1994, p. 46)

O entendimento do que era ler e escrever estava centrado no texto e nas suas estruturas. Só quando as pesquisas sobre letramentos começaram a aparecer é que esta maneira de pensar o leitor mudou, recordemos a definição de Soares, para quem

[...] letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais, ou seja, é o conjunto de práticas sociais relacionadas à leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES, 2020, p. 72).

Muitas pesquisas foram desenvolvidas neste sentido pela Europa e em outros lugares do mundo; poucos anos depois aqui no Brasil, onde temos

algumas grandes pesquisadoras como a Magda Soares, pesquisadora da UFMG, que tem uma infinidade de livros a respeito deste, além de Roxane Rojo, Carla Coscarelli e Maria Amélia Dalvi, entre muitos outros pesquisadores que já falamos anteriormente.

Nos anos 1990 a ideia de letramentos já estava aparecendo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), não apareceu com este nome, mas já estava lá como conceito com uma grande diferença do que se entendia por leitura antes, como aparece na concepção de Barbosa. Segundo os PCN:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relação com o texto que lê e outros já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1997, p. 54).

Assim, nos PCN já existe um olhar para fora do texto, para aquilo que não está escrito. Até aqui temos a seguinte sequência histórica sobre o que se entende por leitor: Início do século XX, aquele que consegue escrever o seu próprio nome não era considerado analfabeto; dos anos 1950 até 1970, aquele que conseguia ler e produzir um bilhete não era considerado analfabeto; 1971 até 1997, aquele que conseguia ler e escrever textos simples; de 1997 até 2016 aquele que entende o que lê e relaciona o que lê com o que já foi lido anteriormente e de 2016 até 2021 aquele lê, escreve; relaciona o que leu e o contexto de uso da leitura e da escrita e ainda sente prazer ao ler. Vemos nascer nos últimos anos a ideia de leitor-fruidor, descrita nas Bases Nacionais Curriculares Comuns (BNCC, 2016). Vejamos como esse documento indica uma volta aos textos literários como um caminho para formar um leitor.

A BNCC fala de uma categoria de leitor que ela chama de leitor-fruidor. Este leitor é visto de maneira diferente ao longo das fases do estudo, mas em linhas gerais é um leitor que sente prazer ao ler e consegue fazer inferências em outros textos. Na fase que estamos estudando, o ensino fundamental, temos a ideia de se desenvolver um senso estético e neste está a ideia de ética e bondade inseridas na estética. Vejamos:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais,

inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC, 2016, Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, p. 65).

Segundo a BNCC, desenvolver o senso estético é a chave para termos um estudante capaz de entender e respeitar a diversidade, local e mundial lhes proporcionando ainda a possibilidade de desenvolver produções artísticas individuais e coletivas. É evidente que a BNCC foi pensada coletivamente e para ser aplicada em um mundo ideal, onde as ferramentas que possibilitam esse desenvolvimento do senso estético estão disponíveis na escola.

Sabemos que essas ferramentas não estão disponíveis na maioria das escolas e que para se desenvolver o que quer que seja é necessário muita dedicação e empenho dos professores. Tirando essa questão que discutiremos posteriormente em outro capítulo, acreditamos que a ideia é boa. Possibilitar que os discentes tenham as ferramentas para desenvolver trabalhos artísticos individuais e coletivos por meio do senso estético que está sempre ligado a ética e a bondade. Já no ensino médio temos um olhar mais voltado para:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BNCC, Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, p. 490).

No ensino fundamental, temos um ensino mais voltado para o conhecimento das obras, dos vários tipos de textos e para o prazer que ela proporciona. No ensino médio, a BNCC não deixa de lado essas questões, mas volta seu olhar para as questões mais sociais e para capacidade que uma pessoa deve ter para resolver conflitos. Imaginamos que se a etapa do ensino fundamental foi cumprida, não teremos problemas para ampliar a discussão no ensino médio por meio de várias obras de nossa literatura e de literaturas estrangeiras.

Como vimos, tivemos um longo caminho no entendimento do que é um leitor e de como ele é formado aqui no Brasil. Podemos observar que há um caráter oficial, aquele que está nos documentos oficiais sobre o que é um leitor, e um caráter acadêmico que é como os pesquisadores entendem o que é um

leitor. Ao longo do tempo tivemos algumas divergências pequenas em um ou outro conceito, mas no entendimento geral dos pesquisadores mais citados em pesquisas sobre leitura, um leitor é aquele que conhece o código da escrita e consegue usá-lo nas mais diversas situações onde a leitura e ou a escrita são exigidas em contexto social.

O programa *Conta pra mim*, ligado à Política Nacional de Alfabetização, vai na contramão de todos os estudos sobre formação de leitor, alfabetização e letramento dos últimos anos, e não podíamos falar de formação de leitor se não comentarmos o programa do governo federal.

Nossa primeira crítica é a premissa do programa que diz que o contato com a literatura por si só forma um leitor. Para começar, os textos foram adaptados de uma forma em que os conflitos contidos nos textos originais foram retirados. Retirar os conflitos de um texto literário é deformar o texto de forma irreversível, a vida é feita de conflitos e escolhas, de pequenas e grandes emoções, e não podemos ou não devemos fugir dessas questões.

A diversidade de opinião, de ponto de vista, o contato com os conflitos e com as escolhas difíceis fazem parte da formação de qualquer pessoa, e a literatura, como já dissemos, com seu mundo que é parecido com o nosso, nos coloca em contato com as grandes e pequenas questões que encontramos em seus textos. Ajuda as crianças ou indivíduo a enfrentar as suas próprias questões, grandes ou pequenas e a entender as relações que nós enfrentamos ao longo da vida ao fazermos uma escolha.

Esta ausência de conflito aparece em praticamente todas as obras do programa. Para exemplificar, usaremos a obra *João e Maria* (2020) do referido programa. Os filhos não são abandonados pelo pai por influência da madrasta, eles se perdem na floresta. O casal, pai e madrasta, não brigam porque falta comida, nem falta comida nesta versão. Não há punição aos malvados, nem a bruxa que desejava devorar João foi de fato punida porque não sabemos ao ler o texto o que aconteceu com ela. Essa simplificação acontece em todos os textos do programa.

Segundo ponto: a linguagem foi simplificada ao máximo. O programa pretende que os pais ou um adulto leia para uma criança, quando vamos ler para

uma criança devemos nos preparar, ler o texto previamente, ver se as questões são adequadas aos nossos objetivos, ver se as questões ali abordadas estão de acordo com nossas crenças. Também devemos ver se conhecemos as palavras para explicar às crianças caso seja necessário. Ao simplificar as palavras tiramos todo o brilho e toda a experiência estética que uma obra de arte pode ter. Sabemos que há muitas adaptações em obras direcionadas para criança, mas como dissemos a linguagem foi simplificada ao máximo, todo o trabalho que um artista emprega em sua obra foi simplificado.

Terceira questão: o programa conta com uma visão única do mundo, não há diversidade de gêneros, os textos foram feitos de uma mesma forma. Questão essa que não pode ser ignorada na formação do leitor que necessita ter uma visão ampliada do mundo, afinal esse é um dos papéis da literatura, colocar em contato mundos e visões do mundo diversas.

Quarta questão: as ilustrações seguem um padrão comercial e são praticamente as mesmas em todos os textos. Nos textos da literatura infantil o contato com a imagem é um contato com um mundo por meio das imagens, elas não estão em uma obra literária por mera ilustração. Elas conversam com o texto, os complementam, contam histórias que não estão no texto e complementam o sentido do texto que está sendo ilustrado. Há até histórias em que as imagens contam outra história, contradizendo o que está escrito.

Quinta questão: não temos representatividade da diversidade brasileira ou mundial. Temos apenas o genótipo branco e em 4 livros esses desenhos são pintados de marrom, não vemos representados nenhum outro grupo que forma a comunidade brasileira. Sabemos que historicamente os contos de fadas são de origem estrangeira e representam o genótipo branco, nossa crítica aqui é que um programa desenvolvido no Brasil e para brasileiros poderia ter levado em conta essa questão e representado por meio de obras brasileiras os muitos genótipos que temos aqui e já que ia usar os clássicos estrangeiros poderia ter escolhido textos que contemplassem outros genótipos.

Sexta questão: o representante do programa é um urso, muito comum nas histórias estadunidenses e europeias, mas sem uma boa razão para representar nossa cultura. Nossa rica fauna brasileira não foi representada. Podíamos ter um



simpático tatu bola, uma ema, um jacaré do papo amarelo ou lindo tamanduá bandeira e até um cachorro caramelo. Enfim, animais que representam nossa cultura não faltam, mas preferiram escolher um urso que está sempre pronto para ir dormir.

Sétima questão: o programa diz em seu texto de apresentação que ele foi criado para levar textos a comunidades que não tem acesso. Usaram livros que não são livros, só podem ser lidos no formato digital ou impressos. Não sabemos que Brasil é esse que os idealizadores imaginaram, porque o Brasil que conhecemos não tem pessoas com impressoras em casa com a capacidade de imprimir esses livros, menos ainda pessoas com acesso à internet para baixar livros. A ideia de ampliar o acesso a obras literária não se concretiza, afinal se a pessoa tem acesso à internet ela pode baixar materiais muito melhores nas bibliotecas virtuais.

Oitava questão: a supervisão do programa é feita por Carlos Nadalin, cuja experiência com educação é limitada e sua produção acadêmica é inexistente, pois não encontramos nenhuma produção acadêmica sobre qualquer tema de Carlos Nadalin. Um programa com essa amplitude e importância não deve ser supervisionada por uma pessoa única pessoa, menos ainda por uma pessoa que não possui ampla experiência na área de formação de leitor e que jamais submeteu qualquer texto ao crivo da academia. Um trabalho desta amplitude e importância deve ter o auxílio dos pesquisadores do nosso país que estão ligados as universidades do nosso país, afinal ninguém entende mais de formar leitor brasileiro que os pesquisadores brasileiros.

Nona questão: não existe neste programa apoio de nenhuma instituição de ensino, profissional da área. É um programa feito pelo MEC sem parceria de ninguém e talvez por isso tenha tantas fragilidades como apontamos acima. Quando um programa voltado para educação é feito sem que ninguém de fora do MEC avalie, opine, pense a respeito temos grandes problemas, afinal o corpo de trabalhadores do MEC que é técnico está sendo dirigido por pessoas que não tem formação específica para tratar do assunto e que só está lá por uma indicação política, em outras palavras quem toma a decisão não está na área técnica do MEC.

Décima questão: e a mais importante: alfabetização é função e papel da escola, assim como a formação do leitor. Não estamos dizendo que a família não pode participar da formação do leitor a família pode e deve participar, mas o programa estimula que a alfabetização seja feita em casa por meio de métodos já a muito tempo superados como o método fônico que tem seu foco na decodificação da língua.

Não faremos uma exposição detalhada do tema porque esta dissertação fala dos problemas que o método proposto pelo programa criou e que, por isso, os estudos sobre letramentos começaram. Quando temos uma formação de leitor em que o foco é a decodificação da língua, temos a formação de um analfabeto funcional, não entende o que lê e não consegue escrever.

Depois de falarmos deste programa de literacia que se relaciona diretamente com a política nacional de alfabetização, vamos ao plano em si. A já referida política foi estabelecida pelo decreto 9.765 de 11 de abril de 2019. A política confunde já no seu primeiro capítulo de quem é a função de alfabetizar, vejamos:

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional de Alfabetização, por meio da qual a União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, implementará programas e ações voltados à promoção da alfabetização baseada em evidências científicas, com a finalidade de melhorar a qualidade da alfabetização no território nacional e de combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional, no âmbito das diferentes etapas e modalidades da educação básica e da educação não formal.

([https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/d9765.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9765.htm) acessado em 21/10/2021 acessado em 21/10/2021 as 17:33)

Uma política nacional de educação tem que ter muito claro que a alfabetização é função da escola, claro que a família pode ajudar, mas a função de formar um leitor é da escola e por tudo que vimos até aqui está claro que formar um leitor é tarefa para profissional e em via de regra não pode ser feita pela educação não formal. Não entendemos como alfabetização pode ser feita fora dos meios formais com o apoio do governo federal, mas na lógica estabelecida pela literacia familiar com todas as fragilidades que vimos, este documento aponta para alfabetização feita em casa onde a criança, quando muito aprende a decodificar a língua.

No artigo 3 inciso V temos uma indicação de um material estrangeiro para a alfabetização no Brasil “V - adoção de referenciais de políticas públicas exitosas, nacionais e estrangeiras, baseadas em evidências científicas;” quando entramos no site do MEC vemos que este material que está referenciado aqui se trata de um livro produzido nos Estados Unidos da América e que não tem tradução para o Português.

O que o governo está fazendo é ignorar anos de estudos sobre a formação do leitor e o processo de alfabetização feitos no Brasil para adotar um livro que fala da alfabetização de falantes de língua inglesa, está claro para qualquer leigo que alfabetizar em Inglês não é o mesmo que alfabetizar em Português, sem falar que este livro não leva em consideração a formação do leitor, ele só fala da aquisição do sistema alfabético.

Depois de olharmos para o que o governo federal anda fazendo com a formação do leitor, vamos olhar para o governo municipal onde a escola em análise está inserida. A prefeitura lançou no dia 17 de abril de 2017 o programa Geladeira literária. Este programa consiste em pegar uma geladeira velha, pintar com um tema relacionado as artes visuais e colocar alguns livros dentro da geladeira, depois essa geladeira é levada para um local público onde as pessoas podem ter acesso a esse material literário que deve ser mantido pelo usuário por meio de trocas, vejamos a notícia de lançamento.

**Aparecida de Goiânia, 17 de abril de 2017-** Foi lançado na manhã desta segunda-feira, 17, pela secretaria de Educação e Cultura, o Projeto Geladeira Literária, com o objetivo de popularizar o ato da leitura nos diferentes espaços no município. “O objetivo é criar a biblioteca itinerante em diversos espaços como postos de saúde, terminais e shopping. Temos a intenção de tornar um hábito auto sustentável, onde a comunidade atendida se torne mantenedora do projeto, não só cuidando, mas também realizando as trocas e doações dos livros”, enfatizou o secretário da pasta Rodrigo Caldas, que estava acompanhado do secretário executivo de Cultura, Elio Bonsucesso e do diretor de Cultura, Redelson Thomaz.

“A leitura estimula a memória. Esse contato com os livros também estimula a interpretação de texto. Com a prática da leitura as pessoas exercitam o cérebro, além do contato com a literatura estimular a criatividade e expandir o conhecimento cultural. Parabenizo a secretaria por essa brilhante iniciativa”, enfatizou o prefeito Gustavo Mendanha.

(<https://www.aparecida.go.gov.br/projeto-geladeira-literaria-chega-a-aparecida/>) acessado 16:42 dia 21/10/2021.

O programa de incentivo à leitura parte da premissa que o contato com o texto literário forma leitores. Já sabemos faz muito tempo que o simples contato com o livro não forma leitores, que esse processo de formação do leitor é longo e demanda muito trabalho e investimento de recursos humanos, financeiros e de muito tempo.

O acesso ao texto é importante, como já dissemos anteriormente, mas o simples acesso não garante a formação de um leitor. Os responsáveis pelos projetos de incentivo à leitura parecem acreditar que o acesso ao livro já é suficiente para se formar um leitor porque em 2018 a secretaria de educação do município lançou outro projeto com a mesma ideia de que o acesso ao texto forma leitores.

O projeto foi batizado de *Ler faz bem* e consistiu basicamente de fazer algumas reuniões com coordenadores de escola e de enviar o material do projeto para os alunos. Os alunos receberam o material enviado e o levaram para casa. Não houve um trabalho direcionado para os professores, os profissionais que iriam implementar o projeto. Não se perguntou se era possível inserir o projeto nos planos de curso das escolas ou se os professores tinham interesse em usar o material comprado para o projeto.

A prefeitura de Aparecida por meio da Secretaria de Educação de Aparecida realiza nesta terça-feira, 27, às 19h00 no auditório da Associação Comercial e Industrial de Aparecida de Goiânia (ACIAG), o lançamento do projeto “*Ler Faz Bem*”. O programa, que é voltado para professores da rede municipal de ensino, tem como objetivo servir de apoio ao educador para as práticas pedagógicas.

Para o secretário de Educação e Cultura, Rodrigo Caldas o projeto é um recurso facilitador na construção dos saberes e com intuito de melhorar os índices de leitura e interpretação de texto, e será implantado, a partir desta terça-feira, em todas as escolas do município.

“Uma Educação de qualidade crescente é o que almejamos para Aparecida de Goiânia. E isso passa pela capacitação dos nossos profissionais e pela instrumentalização dos mesmos com ferramentas educacionais eficientes. *Ler faz bem* e tenho certeza que colheremos bons frutos por meio deste projeto”, salientou o secretário. (Programa lançado em 2018) <https://www.aparecida.go.gov.br/secretaria-municipal-de-educacao-lanca-projeto-ler-faz-bem-nesta-terca-feira-27/> acessado 16:34 dia 21/10/2021.

Disponibilizar material na escola é sempre bom, mas neste caso o material foi entregue para os alunos levarem para casa, sem que uma comunidade de

leitores fosse implementada na escola, sem que ações voltadas para leitura fizessem parte do universo de aprendizagem dos alunos e das escolas.

Hoje sabemos por meio dos documentos da escola que não há nenhum trabalho que se utiliza deste material. Pelo que podemos entender com base nos planos de aula dos professores da escola e no Projeto Político Pedagógico da escola, este material foi entregue aos alunos que levaram para casa. O projeto foi tão pouco conhecido e trabalhado que seu vídeo de propaganda feito pelo município que está disponível em [www.youtube.com/watch?v=naRZSIZYdHQ](http://www.youtube.com/watch?v=naRZSIZYdHQ) conta com 47 visualizações, sendo que uma dessas visualizações foi a minha realizada em 21/10/2021. Depois deste programa nenhum outro programa foi criado pela prefeitura, significando que a prefeitura de Aparecida de Goiânia não tem um programa de incentivo à leitura em sua rede de ensino neste momento.

A alfabetização é um processo pelo qual se ensina a decodificar, a escrita, neste processo o estudante deve ser capaz de decodificar o código da sua língua para saber o que está escrito e deve ser capaz de usar esse mesmo código para criar mensagem para que outros leiam.

Hoje no Brasil esse processo leva dois anos e acontece no primeiro ano do ensino fundamental e no segundo ano do ensino fundamental. Neste período o estudante passará por um longo processo que na maioria das vezes não finaliza no final do segundo ano. Porém, o aluno que vai para o terceiro ano do ensino fundamental é considerado alfabetizado, sendo assim conhece todo o processo de formação da língua, suas flexões de gênero, de número e os graus utilizados nas diferentes classes de palavras ou deveria conhecer.

Além de conhecer todos esses processos ele também deve ser capaz de ler textos variados e escrever alguns gêneros textuais. Nas séries posteriores ele deve aprender mais profundamente as estruturas da língua, tais como funciona a sintaxe da língua e as relações semânticas dos textos.

Hoje o leitor será formado até o último ano do ensino médio, antes da BNCC o leitor era considerado formado quando terminava o ensino fundamental.

## II – A EDUCAÇÃO ESTÉTICA E O LETRAMENTO LITERÁRIO

No capítulo anterior falamos da alfabetização e do letramento, além do letramento literário e sua relação com a literatura infantil. Neste capítulo tentaremos traçar um paralelo entre a Educação Estética, de Schiller, e o Letramento Literário como uma possibilidade de formação do leitor.

Existem outros autores mais contemporâneos que versam sobre a Educação Estética, mas Schiller é o cânone e ninguém o superou até o presente momento. Outros pesquisadores foram consultados, mas suas ideias corroboram com as dele.

### 2.1 A Educação estética, de Schiller, e a formação humana

Friedrich Von Schiller foi filósofo, médico, historiador, poeta, dramaturgo e publicitário, o que é um currículo muito impressionante. Ele se casou com Charlotte Von Lengefeld e um ano após o casamento descobriu que padecia de uma doença pulmonar. Desde que se deu conta de sua doença, passou a buscar a cura, suas pesquisas médicas foram voltadas para esse propósito, mas sem sucesso porque anos depois ele falecera devido a esta enfermidade. O Schiller dramaturgo, poeta, artista manifesta em suas obras grande influência do pensamento clássico grego.

Como vimos anteriormente, o filósofo e dramaturgo Friedrich Schiller tem em seu repertório de pensamento uma formação e um trabalho multidisciplinar, o que possibilita uma visão de mundo ampliada e torna o seu pensamento rigoroso. O texto que usamos aqui, *A Educação Estética do homem em uma série de cartas*, que foi publicado na revista *Die Horen* em 1795 nos números 1, 2 e 6, é um estudo sobre a sociedade em que ele vivia, este estudo mostra as feridas e indica uma cura para esta sociedade. Essas cartas foram escritas para o Duque de Augustenburg, amigo e mecenas de Schiller. As cartas enviadas ao amigo pegaram fogo por acidente, mas Schiller tinha feito cópia de todas elas, o que possibilitou a publicação posteriormente na revista já citada aqui.

As Cartas são uma crítica aos filósofos de seu tempo por não se levantarem para defender o que Schiller acredita ser a cura para os males sociais: a Arte. Ele acredita que a arte pode trazer luz a escuridão que tomou

conta da sociedade. Na Alemanha de Schiller, Immanuel Kant já tinha feito um estudo sobre a estética na obra *Crítica do Juízo* (2016) e as reflexões de Schiller partem deste estudo de Kant.

Schiller parte de Kant, mas sua visão é muito diferente da visão de Kant. Para Kant (2015) razão e sentimento são forças opostas e sempre uma vai se sobrepor a outra, enquanto para Schiller, a beleza é um meio de equilibrar essas forças, libertando o ser humano desta visão dualista. Assim, Schiller entende que a ligação que deve ser encontrada entre essas faculdades humanas não será encontrada no homem, será encontrada na arte.

Podemos resumir a obra que trata da educação estética do homem como a obra que trata da arte do belo. Schiller humaniza o belo e vê nele também o belo natural, mas mostra a importância do ser humano para que haja beleza. Um ponto fundamental da obra de Schiller é a ideia de que o belo pode ser aprendido e que esse processo transforma o aprendiz.

O equilíbrio entre sentimento e entendimento é o que forma a concepção de beleza de Schiller. O autor entende que num primeiro momento os seres humanos são dotados de dois impulsos opostos, que ele denomina impulso sensível e impulso formal, os dois relacionados aos sentimentos e emoções; e ao conhecimento e a razão respectivamente.

Diferente da ideia de Kant que diz que o homem será movido pela razão ou pela emoção, Schiller acredita em um equilíbrio entre esses dois impulsos. O sensível “parte da existência física do homem ou de sua natureza sensível” (SCHILLER, 1995, p 63), esse impulso limita o homem e o aprisiona no mundo sensível. O impulso formal “parte da existência absoluta do homem ou da sua natureza racional e está empenhado em mantê-lo em liberdade” (SCHILLER, 1995, p 63). Quando estamos sob o domínio do impulso formal, temos a tendência de examinar a obra de arte baseada na razão, tentando explicar as razões da obra existir e as motivações do autor. Quando temos predominância do impulso sensível, temos uma observação da obra de arte voltada para emoção. A pessoa só sente ou tenta sentir alguma coisa por meio de seus sentidos. Para que exista uma compreensão da beleza é necessário um equilíbrio, segundo Schiller (1995), uma percepção que possa unir esses dois

impulsos e que seja capaz de romper a tensão entre eles permitindo que a pessoa parta daí.

Sem este equilíbrio não é possível compreender o conceito de beleza, a pessoa que não consegue este ponto de equilíbrio estará com seus olhos sempre guiados por um de seus impulsos. Gostaríamos de alertar que Schiller chama de impulsos porque essa maneira de ver o mundo não é consciente, ela depende da maneira como a pessoa foi ensinada, por isso, a importância da educação estética.

Schiller entende o belo de forma ampla, para além da obra de arte, vejamos nas palavras do autor:

A beleza não é nem estendida a todo âmbito do que é vivo, nem se encerra nele. Um bloco de mármore, embora seja e permaneça inerte, pode mesmo assim tornar-se forma viva pelo arquiteto e escultor; um homem, conquanto viva e tenha forma, nem por isso é uma forma viva. Para isso seria necessário que sua forma fosse viva e sua vida forma. Enquanto apenas meditamos sobre sua forma, ela é inerte, mera abstração; enquanto apenas sentimos sua vida, esta é informe, mera impressão. Somente quando essa forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma vive, e este será sempre o caso quando o julgamos belo (SCHILLER, 1995, p 77).

Ao lermos as palavras de Schiller vemos que seu conceito de beleza está em uma síntese entre os dois impulsos, sensível e formal. Temos então a questão da educação estética. A estética pode ser aprendida aos poucos dentro do equilíbrio dos dois impulsos já citados. Na visão do Schiller temos uma educação para o belo.

Schiller demonstra ao longo de sua obra sobre educação estética que aprender o belo é uma necessidade e que o belo faz parte da vida assim como como outras partes da vida como física, psíquica, política e espiritual.

Como dissemos acima os dois impulsos descritos por Schiller são opostos, um impulso demanda mudança e o outro impulso estagnação. Então temos um terceiro impulso que proporciona equilíbrio entre os outros dois impulsos que Schiller chama de impulso lúdico. Este impulso faz com que os dois outros se equilibrem por meio de um jogo dando condições para que possamos aprender a beleza, esses dois impulsos equilibrados por meio do impulso lúdico nos libertam desde dualismo e nos permitem superar essa visão



voltada para apenas um dos impulsos que antes estava em desequilíbrio. Muito diferente de Kant (2015) que entendia que beleza era uma forma de imitarmos o mundo e para superá-la teríamos que suprimir todo o lado sentimental para termos uma produção do espírito que ele chamava de sublime.

Com o equilíbrio proporcionado pelo impulso lúdico podemos aprender a apreciar o belo, pois o gosto pelo belo é aprendido como qualquer outro. O estado passivo da sensibilidade pode passar para o estado ativo do pensamento. Este constante ciclo tem por finalidade desenvolver em máxima harmonia todas as faculdades humanas, sensíveis e espirituais. Nesta obra de Schiller, percebemos que ética e estética caminham juntas, são convergentes porque permitem o equilíbrio do indivíduo que se desenvolve na esfera moral, intelectual e emocional. A pesquisadora Olira Rodrigues concorda que a:

[...] experiência estética não (pode) ser apenas afetiva, mas também cognitiva. E sua intensidade se dá à proporção que as dimensões afetivas e cognitivas se entrelaçam. (RODRIGUES, 2020, p. 45)

A pesquisadora pensa na mesma linha de Schiller (1995), que indica que somente com a educação do olhar, da harmonização entre os impulsos teremos uma intensidade na experiência estética e, por conseguinte, na experiência de leitura.

Compartilhamos do mesmo desejo que Schiller ao imaginar um caminho pela educação estética, um meio de trazer luz a escuridão, um desejo de ensinar por meio da arte que é capaz de unir em um elo ideal entre a verdade e bondade expressado pela beleza. Um processo de ensinar a ver a beleza formada em cada obra, um caminho que confere ao leitor novas ferramentas a cada leitura.

## **2.2 Concepções de beleza na abordagem estética**

A estética estuda a produção de nossas sensações e se relaciona com a beleza, a ética, a moral e a metafísica. O primeiro conceito que vamos investigar é o da beleza e para tanto vamos começar com algumas ideias. A primeira, a beleza é subjetiva? Essa ideia parece corrente no senso comum, a beleza é uma questão de gosto, para alguns uma coisa é bela e para outros não. Neste caso a beleza vai depender somente das experiências que cada pessoa teve e de como ela se relaciona com o objeto observado. (SUASSUNA, 2013)

Agora acompanhemos a seguinte linha de pensamento: lembremos do livro *A Odisseia* (2021), de Homero [as datas muito atuais de obras antigas devem ser precedidas das edições originais = ([data antiga] 2021)]. Este texto tem milhares de anos e é considerado belo até hoje. Todos os povos, gêneros e cultura o acham belo. Sendo assim, a beleza não pode ser entendida como uma questão de gosto, mas podemos pensar que esse texto é uma exceção, mas não é o caso. Lembremos das obras de William Shakespeare, as pinturas de Michelangelo no teto da Capela Sistina entre um número enorme de obras consideradas belas ao longo da História e que mantém seu status até hoje. (SUASSUNA, 2013)

Passando para as belezas naturais, quando estamos diante de uma paisagem intocada pelo homem, como uma cachoeira, por exemplo, temos a percepção de beleza, quase todas as pessoas consideram uma cachoeira bela. Se entendemos que beleza não é uma questão subjetiva, então ao que ela está relacionada? Alguns filósofos tentaram responder à questão ao longo dos anos. Platão em sua obra *O banquete* (2017) diz em linhas gerais que beleza é o que vai além das sensações, que nos leva ao mundo das ideias. Este autor acreditava que um artista fazia uma cópia do real que por sua vez era uma cópia do mundo das ideias e era no mundo das ideias onde podíamos encontrar a beleza. Se faz necessário registrar que a ideia de beleza tinha uma relação direta com a moral e a justiça. (SUASSUNA, 2013)

Por essa lógica uma coisa bela era entendida naturalmente como bela e justa. Já Aristóteles em seu livro *Arte Poética* (2015) entende em linhas gerais que arte é uma forma de aprendizado, que ao tentar imitar o mundo das ideias estamos aprendendo e que essa imitação é bela. Já na idade média temos São Tomaz de Aquino relacionando a beleza a divindade, como algo que vem de Deus, mesmo assim já começa a fazer uma distinção entre o artista e o artesão, distinção essa que não existia na era clássica, interessante lembrar a origem da palavra beleza que vem do Sânscrito que, em tradução livre, significa “lugar onde Deus brilha” ou “a casa onde Deus habita”, seja como for a palavra tem uma relação direta com o divino. (SUASSUNA, 2013)

Com o Renascimento temos a distinção entre o artista e o artesão e arte passa a ter como seu grande objetivo a beleza, essa beleza passa a ser

expressa pelos sentimentos dos artistas refletidos em suas obras. Kant (2012) diz que a beleza não é só uma questão de ver os sentimentos do artista refletidos na obra. Então postula que a razão e a imaginação se misturam e que a função do belo é o próprio belo. Schiller (1995) diz que o belo é percebido quando há harmonia entre a sensibilidade e a razão por meio de um terceiro elemento que ele chama de impulso lúdico, que é a força que equilibra e harmoniza a razão e emoção. Hegel (2000) diz que a beleza é a expressão do espírito humano e Nietzsche pensa que a arte, a beleza extrapola a razão em um movimento onde o artista aceita o mundo e o supera. Descarte (2015) entende que a beleza é uma questão de razão, que não está no sentido, sendo assim pensa que a beleza é o resultado de uma investigação racional. Diz ainda que percebemos a beleza porque ela se mostra em formas simétricas e harmônicas. (SUASSUNA, 2013)

David Hume (2009) já acredita que a beleza é o que agrada ao sentido e está ligado a experiência empírica. Já no último século temos a introdução do feio como conceito estético desligado do mal. Um grupo de pensadores como Walter Benjamin, Adorno e muitos outros começam a dizer que a beleza agora está a serviço do mercado e de um pequeno grupo que está no poder. Usando as mídias para massificar um conceito de beleza que está a serviço desse pequeno grupo. (SUASSUNA, 2013)

Depois desse breve percurso sobre o conceito de beleza ao longo do tempo, podemos concluir que a beleza foi pensada como beleza natural e beleza produzida pelo ser humano. A segunda categoria é a que nos interessa, vamos tratar da beleza produzida em contexto artístico porque na escola estaremos trabalhando com obras de arte produzidas pelo ser humano.

Vimos que a ideia de beleza sempre esteve associada à ideia de bondade e justiça por se acreditar que para se chegar à beleza sempre tivemos que nos conectar com um mundo superior, por vezes, divino.

A beleza foi e ainda é em muitos casos a meta, o objetivo do artista e em especial nas obras que vamos trabalhar, a literatura infantil, a beleza se relaciona diretamente com a bondade e a justiça. Quando a feiura aparece em histórias infantis está sempre relacionada a uma beleza interior, uma nobreza de espírito ou a um engano de percepção, como em *O patinho feio*, de Andersen (2016).

Fora desses casos a relação entre beleza e feiura se relacionam da seguinte forma: beleza é o Bem, a feiura é o Mal.

Para o nosso trabalho temos a noção de que a beleza, a bondade e a justiça caminham juntas, que a capacidade de ver e entender a beleza passa por uma harmonia entre a razão e a emoção que podem ser ensinadas por meio de uma educação estética que leva em conta esse aprimoramento do espírito por meio do conhecimento e da experiência estética conforme Schiller ensina e que veremos em detalhes posteriormente.

A ética e a moral são conceitos que estão ligados à beleza, mas no início do capítulo dissemos que a estética também estuda questões ligadas a metafísica, primeiro vamos ao entendimento do termo em questão.

Essa área do conhecimento estuda questões do pensamento filosófico, tais como a beleza, a existência do ser, a razão pela qual estamos aqui e outros questionamentos desta natureza. Fundamental para os estudos de estética porque temos a obra dos artistas como nossa matéria prima para se fazer um estudo e essas questões de metafísica habitaram o imaginário humano desde que podemos nos lembrar e logicamente a cabeça e o “coração” dos artistas ao longo do tempo.

Se fossemos responder a razão de termos uma percepção tão parecida do belo, diríamos, como muitos antes de nós, que a beleza está no cerne, no âmago da natureza humana e essa é muito parecida em todos os lugares, em todos os tempos e em todas as pessoas.

Segundo Jouve (2012), o conhecimento relacionado à arte, o conhecimento que se relaciona à literatura é assimilado por imersão, de forma não racional, por meio da experiência estética, por isso, acreditamos que a escola transmite saberes de forma racional e a educação estética se torna um caminho adequado porque permite, por meio da experiência com as obras e o auxílio do professor, o acesso a obras cuja a linguagem se tornou opaca, desatualizada ou descontextualizadas para nós.

Chamamos a atenção para o fato de que a linguagem que está contida nos clássicos envelhece, mas o clássico não. A melhor definição que

conhecemos de literatura clássica é que nos fornece Calvino (2002) que diz todo clássico é uma obra aberta que dependerá apenas da capacidade do leitor para lhe conferir significados, aquela que nunca terminou de dizer tudo o que tinha para dizer, porque a cada leitura encontramos outros significados que não tínhamos percebido antes.

Quando estamos trabalhando com um texto da literatura infantil, seja ele um clássico ou não, temos que nos preocupar com a linguagem que está contida no texto, vemos se está muito desatualizada ou se há termos que se modificaram quanto ao significado ao longo do tempo. E sempre devemos contextualizar o texto; grandes questões do passado podem não ser uma grande questão hoje. Temos que estar atentos para que nós e ou nossos alunos não cometam anacronismo ao ler um clássico ou qualquer outra obra literária.

A obra literária instrumentaliza a pessoa a imergir em conhecimentos emocionais de forma equilibrada, em que razão e emoção estejam em perfeita harmonia. As obras clássicas que resistem ao tempo, tocam as pessoas de seu tempo de forma inédita, exprimindo emoções humanas de uma forma que nunca tinha sido explorado antes; aquilo que tocava os humanos de forma inédita ainda é percebido por nós como novo.

Assim percebemos que uma obra clássica pode responder questões ou pelo menos apontar caminhos de questões fora de seu tempo. Rojo nos ensina que toda construção de linguagem é uma experiência estética:

Ao usar a linguagem, fazemos uma experiência estética: construímos nossos textos a partir de nosso repertório, mas também levando em conta o interlocutor e a forma de interação que estabelecemos com ele. (ROJO, 2012, p. 134)

Num sentido amplo podemos concordar com Rojo (2012), organizamos nosso repertório, pensamos no nosso interlocutor, leitor e produzimos nossa mensagem para ser lida e entendida, de forma às vezes consciente produzimos beleza e, às vezes, de forma inconsciente. Queremos ser lidos, ouvidos e compreendidos e sabemos que a beleza ajuda nestes objetivos.

### 2.3. Os caminhos da Educação Estética pelo Letramento Literário

O letramento literário, como seu nome indica é um letramento feito por meio da literatura, nosso trabalho tem um foco no ensino fundamental primeira fase e por esta razão vamos nos deter na literatura infantil uma vez que essa é a literatura ofertada às crianças nesta fase do ensino. Nós entendemos que o letramento literário é um processo contínuo, assim como entende Cosson, para quem

[...] o ensino de literatura passa a ser um processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e ou no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo. Um leitor que se reconhece como membro ativo de uma comunidade leitora. (COSSON, 2020, p. 120)

Concordamos com essa concepção e ampliamos a ideia para um leitor capaz de compreender o que lê, relacionar com o que já leu, pensar sobre o que lê nas múltiplas plataformas de leituras possíveis, tais como televisão, internet, livros, rádios, conversas, entre outras. Sendo capaz de pensar sobre o mundo interior e exterior de forma a integrar seus múltiplos conhecimentos e vivências.

Afinal um leitor se forma em vários lugares como bem nos lembra Paulino (2007), mas essa formação não deve ser isolada da escola ou de outras instituições como o mercado:

Leitores se formam mesmo é através de suas próprias leituras, e estas se dão em diversos momentos de relacionamentos humanos, em diversas circunstâncias culturais, de cunho mítico, político, boêmio, misantrópicos e outros. Assim, a formação de leitores se desenvolve o tempo todo, ao longo da vida inteira, às vezes com lentidão, às vezes com dificuldade, às vezes com ritmo alucinado e surpreendente para o próprio sujeito que se perde nas suas leituras. (PAULINO, 2007, p. 146)

Normalmente aprendemos a ler na escola, aprendemos também a ler literatura na escola, pois é função da escola ensinar a ler e analisar a literatura porque as outras análises e leituras que faremos fora da escola estará muito relacionada com a maneira como analisamos o material literário dentro da escola, como esclarece Cosson:

Longe de destruir a magia das obras, a análise literária, quando bem realizada, permite que o leitor compreenda melhor essa magia e a penetre com mais intensidade. O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. (COSSON, 2020, p. 29)

Discordando de Paulino (2007), acreditamos que um leitor se forma com o auxílio de um professor, casos onde uma pessoa se formar por si só são raros.

Como já observamos aqui nos estudos sobre leitores no Brasil. As múltiplas capacidades de leitura devem ser trabalhadas na escola com a orientação do professor que possibilitará a aquisição de muitas ferramentas para que o aluno consiga, com o tempo e muitas práticas de leitura orientada, se formar como leitor.

Quanto mais leituras e maneiras de ler e pensar o mundo ele tiver contato com a ajuda de seu professor para elucidar questões, pensar junto, ver e rever maneiras de ler, melhor se formará este leitor. As Bases Nacionais Comuns Curriculares (2016) já apontam que um leitor estará formado ao sair do ensino médio, já temos em nossos documentos oficiais o que os pesquisadores constataram faz muito tempo, um leitor se forma pela vida inteira, mas as ferramentas que permitem esse processo contínuo de formação devem ser adquiridas na escola.

Podemos observar tanto em Cosson (2020), como com Frye (2017) que o conhecimento sobre literatura amplia a experiência com a literatura, nos permite penetrar fundo neste mundo feito de palavras.

A Literatura, segundo Frye (2017), possibilita termos contatos com uma ampla quantidade de emoções. Lendo um texto literário como *Angústia* (2019), de Graciliano Ramos, podemos mesmo sentir angústia ou podemos sentir a dúvida corroer pela nossa mente nas palavras de Bentinho no célebre livro de Machado de Assis. Podemos ir a lugares como o centro da Terra com Júlio Verne e até caminhar pelos muitos infernos de Dante. Criando esses mundos com base nas nossas experiências conduzidas pelas palavras do autor, sentindo o que suas personagens sentem, vivendo com as personagens o que elas vivem e até vendo o que elas veem graças a nossa imaginação, porque ao ler, nosso mundo encontra o mundo do autor. Vejamos nas palavras do próprio Frye:

A arte, por sua vez, parte do mundo que construímos, e não do mundo que observamos. Ela começa com a imaginação, e então dirige-se para a experiência comum – isto é, procura fazer-se tão convincente e reconhecível quanto possível. Entende-se daí por que costumamos ver as ciências como racionais e as artes como emocionais: aquelas partem do mundo como ele é; estas, do mundo que queremos ter. (FRYE, 2017, p. 19).

Paulino e Cosson (2009) pensam de forma parecida com Frye (2017), eles entendem que a literatura oferece uma experiência social e individual:

A experiência da literatura amplia e fortalece esse processo ao oferecer múltiplas possibilidades de ser o outro sendo nós mesmo, proporcionando mecanismos de ordenamento e reordenamento do mundo de uma maneira tão, e às vezes, até mais intensa do que o vivido. (PAULINO; COSSON, 2009, P. 69-70)

A escola como o lugar onde o ensino desta literatura deve acontecer tem no professor a tarefa de oferecer essa apropriação por parte do aluno, é o professor a pessoa que conta com a maior experiência em relação as muitas produções intelectuais e culturais da sociedade, é o professor que conhece as obras e pode explorar seu potencial máximo nas muitas possibilidades que uma obra de arte oferece. Cosson explica este ponto:

Ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para sociedade que todos estão inseridos. (COSSON, 2020, p. 29)

O professor é o grande mediador do processo, é ele o responsável por escolher os textos, de incentivar e motivar a leitura, de decodificar palavras desconhecidas, de explicar conceitos novos, enfim de mostrar caminhos até que o aluno consiga caminhar sozinho por esse mundo das palavras. Parte deste processo pode ser democrático dependendo das condições da escola. Arena corrobora com essa ideia de mediador que o professor tem para ajudar a construir sentidos pelo pequeno leitor:

Nessa relação entre gênero literário e pequeno leitor, destaca-se o processo de atribuição de sentidos, considerado a pedra de toque do ato de ler. Materializado e inscrito em seu suporte, o gênero chega às mãos do leitor pela mediação do outro. O mediador espera que a obra possa manter uma relação dialógica histórica e cultural com o leitor. Acima de tudo o ato de aprender a ler literatura, de construir sentidos pelos enunciados verbais escritos, é, ao mesmo tempo, desafiante, estruturante, constituinte, mas mutante, estabilizante, todavia, instabilizante, no processo de apropriação da cultura, do literário e da língua como traço cultural. (ARENA, 2010, p. 17)

Todos esses processos são possíveis pelo trabalho docente, sem o qual nada se realiza e um leitor não pode ser formado, salvo raríssimas exceções que não vêm ao caso uma vez que estamos falando de formação de leitor na escola. Jouve assinala esse papel fundamental do professor na formação do leitor:



[...] o (simples) leitor percebe certo número de informações veiculadas pelo texto; o comentador identifica ou constrói saberes a partir dessas informações; o professor transforma esses saberes em conhecimento. (JOUVE, 2012, p. 137)

Indubitavelmente o professor é o agente qualificado para transformar esses muitos saberes proporcionados pela leitura, em especial a leitura literária em conhecimentos. As teorias que envolvem os textos são passadas pelo professor por meio de aulas específicas para trabalhar esses conhecimentos, outros conhecimentos são trabalhados posteriormente com a própria leitura dos textos.

Segundo Jouve (2012) toda leitura está apoiada em um ponto de vista que pode ser psicológico, histórico, sociológico, etc. Cabe ao professor formar um leitor capaz de fazer essas múltiplas leituras com base no interesse do leitor.

Quando temos um leitor, cada leitura ou interpretação de um texto é mais luminosa que o texto em si mesmo, mas nem todas as leituras são legítimas. “A significação [de uma obra de arte] é sempre algo mais vasto do que aquilo que se mostra na aparência imediata” (HEGEL, 2001, p. 72). Como a forma é menos dependente do controle consciente do que o conteúdo, a obra significa sempre mais, até outra coisa do que aquilo que o autor tinha em mente. Uma obra literária veicula conteúdo intencional e uma multiplicidade de conteúdos acidentais.

Com a arte temos a possibilidade de construir nossos mundos, viver aventuras incríveis, morrer e nascer. Tudo isso na segurança das páginas dos livros ou nas telas de nossos dispositivos de leitura como computadores, tablets, celulares e leitores de livros digitais.

Os limites estariam impostos somente pela nossa própria imaginação; podemos viajar para um mundo sem doenças, viver em um tempo em que o mundo como o conhecemos acabou e a Terra está destruída. Viajar por mares nunca antes navegados e encontrar o Brasil ainda intocado pelo europeu. O infinito nas páginas de um livro. Castells também acredita que a literatura constrói pontes entre as pessoas.

O uso das artes se justifica como uma ferramenta para construção de pontes entre pessoas de diferentes países, culturas, classes, grupos étnicos, gêneros e posição de poder. (CASTELLS, 2001, p. 168)

A literatura infantil como a forma artística mais próxima dos estudantes proporcionará as pontes necessárias entre os conhecimentos que o aluno ainda não tem e os conhecimentos que ele tem, assim como bem observa Maia (2007, p. 78) [...] “a criança constrói significado de um referencial que lhe é muito particular: a sua própria experiência”. Esse referencial em contato com o referencial criado no mundo literário amplia a sua própria experiência ao lhe oferecer novas experiências por meio das palavras e imagens do texto.

A literatura – verdadeiro microcosmo da vida real transformada em arte Coelho (2000, p. 15), essa relação com a vida real faz da experiência proporcionada pela literatura verossímil o que facilita o contato com essas novas maneiras de ver e entender o mundo. Entendemos a literatura infantil na concepção fornecida por Cândido porque acreditamos ser a definição mais completa e a que mais concatena com a educação estética:

Chamarei de literatura todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até formas mais complexas da produção escrita das grandes civilizações (CÂNDIDO, 1995, p. 155).

Com a definição acima acreditamos que todas as produções artísticas estão representadas, as em verso e em prosa, de origem escrita ou oral e as produções nos seus mais variados meios, sejam eles físicos como um poema em um papel, sejam eles digitais como os ciberpoemas uma vez que o autor cita todas as produções com um toque poético. Não encontramos melhor definição de literatura para se usar na escola, com essa definição entendemos que podemos partir de qualquer material artístico que esteja a mão na escola. Podendo ser um material simples ou um complexo. Afinal uma das condições para se formar um leitor é que este tenha acesso ao texto.

A arte ao longo da história humana foi usada como instrumento de regulação social, como ela cria ponte entre as pessoas e as classes sociais, ela se transformou em uma expressão de valores sociais que se queria ensinar e por outro lado também foi usada como expressão de valores sociais que se queria rejeitar. A arte é reflexo do espírito humano e por esta razão é complexa, confusa, bela, interessante, desinteressante, uma mescla de sentimentos e

intelecto em nome de uma expressão do mundo do artista. Vejamos o que diz Cândido:

A arte é social nos dois sentidos: dependendo da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre o indivíduo um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentido dos valores sociais. (CANDIDO, 2000, p. 20).

O nosso entendimento sobre a arte está de acordo com este autor e muitos outros que pensaram a arte ao longo do tempo, a arte está a serviço da beleza, mas também pode estar a serviço de uma visão de sociedade que se deseja espalhar pelo povo. Yunes e Ponde também percebem essa função formadora da arte:

[...] um dos papéis da arte na vida social, hoje (e sempre) [...] é a formação de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade, uma nova visão de mundo. (YUNES e PONDÉ, 1988, p. 10)

O que chamamos a atenção é que essa formação pode ser orientada para dominação ou para liberdade, a formação por meio da estética possibilita uma formação para a liberdade, colocando o leitor em constante ciclo de aperfeiçoamento. Lajolo e Zilbermam (1999) chamam a atenção para este fator formador da literatura, em especial a literatura infantil que nasce com esse papel modelador:

Nos seus primórdios a literatura para crianças tem função formadora: apresenta modelos de comportamento que facilitam a integração da criança na sociedade. (Lajolo e Zilberman, 1999)

Este caráter formador percorreu toda a história da literatura infantil e ainda é possível encontrarmos textos com esse caráter utilitário porque entendemos que [...] “a leitura do texto literário pode se constituir num fator de liberdade e transformação dos homens” (SILVA, 1986, p. 21), quando é usado para constituir liberdade por meio de uma transformação que visa o aprimoramento humano é ótimo, mas temos que estar sempre vigilantes para que os textos que foram criados para outros fins não cumpram o seu papel de modelador para uma sociedade injusta, machista, misógina, racista ou para qualquer tipo de pensamento limitador de liberdade como os citados aqui. É preciso entender que uma obra literária pode ter um caráter formador e muitas têm. Mas o que estamos

dizendo é que existem livros que são produzidos somente para ensinar alguma coisa, seu objetivo não é ser arte, é ensinar um conceito.

Existem algumas coleções da editora Todolivro que se chama *Valores e virtudes*, seus títulos são *Paciência, Sabedoria, Tristeza* e por aí vai. Além desta editora com esses títulos existem outras no mesmo formato. Não é literatura infantil, é um livro para ensinar um valor, absolutamente utilitário. Com um pequeno verniz de arte.

Meireles também chama atenção para este caráter utilitário da literatura infantil:

Mitos, fábulas, lendas, teogonias, aventura, poesia, teatro, festas populares, jogos, representações; tudo isso, ocupa no passado, o lugar que hoje concedemos ao livro infantil. (MEIRELES, 2016, p. 33)

A autora chama a atenção para o lugar que a literatura infantil ocupa hoje na sociedade, ela substituiu vários discursos ao longo do tempo, salvo em algumas poucas comunidades que ainda mantêm algumas dessas histórias no imaginário popular.

Desejamos fazer uma ressalva quanto as questões do machismo, racismo, etc. Queremos lembrar que não devemos cometer anacronismos em relação ao texto literário. Não se deve falar em racismo nos textos de Monteiro Lobato, por exemplo, visto que a literatura está ligada ao momento histórico em que foi produzida. Podemos e devemos chamar a atenção para essas diferenças de leitura do mundo do tempo em que o texto foi produzido e o nosso tempo. Então se nos chega as mãos um texto antigo, devemos alertar para como era a sociedade naquela época. Isso também faz parte de ensinar a ler.

As formas literárias contêm em si a chave para todo conhecimento, como bem observou Barthes (2018) não há conhecimento que não possa ser descrito pela linguagem e nós acrescentamos que não existe conhecimento que não possa ser desenvolvido por meio do letramento literário:

[...] a leitura, se levada a efeito crítico e reflexivamente, levanta-se como um trabalho de combate a alienação capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (SILVA, 1985, p. 22-23)

Pensamento parecido apresenta Cosson, ao explicar o potencial do letramento literário, pensamento este que compartilhamos:

O letramento literário vai além da leitura literária, é mais que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária. (COSSON, 2020, p.120)

Esta observação de Cosson é muito importante, pois não é só para sentir prazer ao ler, é muito mais do que isso, é conhecer o texto e contexto, é saber por quais caminhos a linguagem pode te levar e se posicionar diante daquele texto. Neste trabalho, no último capítulo, daremos várias ideias de trabalho para que o professor possa executar com seus alunos.

O professor deve compreender que

[...] a literatura deve ser compreendida como fenômeno de linguagem e como arte.

1- Literatura é um fenômeno de linguagem plasmado por uma experiência vital/cultural direta ou indiretamente ligada a determinado contexto social e à determinada tradição histórica.

2- Literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que se alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro + mundo, em harmonia dinâmica). (COELHO, 2000, p. 10 /grifo da autora/)

O professor tendo em mente estas duas facetas da literatura poderá usá-la para desenvolver seu aluno nos mais diversos campos que seu trabalho docente exige e que o interesse do discente almeja. Entendendo esses aspectos da literatura infantil poderá implementar um trabalho focado nos aspectos artísticos da obra. Como também chama a atenção Perroti:

Se a literatura infantil não é literatura didática, a finalidade da literatura para criança ou para adultos somente poderá ser a arte, ou seja, exprimir o belo. A literatura infantil propriamente dita, será, pois, antes de tudo, expressão de arte, ou já não será literatura. (PERROTI, 1986, p. 71)

A literatura infantil tem como função primordial desenvolver o leitor, desvendar os muitos mundos que cada obra apresenta e sem dúvida não deve ser usada como pretexto para fins didáticos. Afinal de contas a literatura procede de forma muito especial se usada como literatura, vejamos a explicação de Zilberman:

Como procede a literatura? Ela sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias

de espaço e tempo dentro dos quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, 2003, p. 25)

Usando a literatura como ponte entre o mundo do leitor e do autor, outros processos como a aquisição de novas palavras, desenvolvimento da sintaxe, ampliação da compreensão do mundo ocorrem naturalmente. Cadermatori faz essa observação também:

A leitura de textos poéticos à criança em fase de alfabetização, não só aproxima ao livro como fonte de conhecimento e prazer, como exercer papel importante na formação da expressão verbal. (CADEMARTORI, 2006, p. 72)

Essa relação com o livro cresce com o tempo e o prazer ao conhecer por meio dele também, nós temos uma grande necessidade de histórias, nós as consumimos em muitos formatos e meios, como a televisão e a internet, mas nenhum desses meios supera a nossa própria imaginação. Para leitores que passaram por uma experiência de leitura e depois foram assistir a versão em filme, é muito comum a decepção ao ver o filme porque a leitura, normalmente é muito melhor.

[...] a função da oferta e do ensino da literatura infantil para o pequeno sujeito leitor na escola transcende intenções singelas de “dar asas à imaginação e provocar o prazer”, para assumir a função de formação integral do homem e de suas funções consideradas superiores e criativas em todas as áreas do conhecimento. A maturidade da imaginação no adulto dependerá do seu desenvolvimento desde a infância e a literatura infantil tem um lugar destacado nesse processo. (ARENA, 2010, p. 32)

Queremos lembrar aqui que a imaginação se desenvolve com atividades voltadas para leitura de textos literários como bem observou Arena (2010), aprender a imaginar é um processo que leva tempo e demanda muito trabalho, se faz mister o contato com mundos literários mediados pelo professor para que essa imaginação se desenvolva. Neste caso temos um trabalho que se desenvolve juntamente com a escrita, com as leituras e interpretações vamos criando um repertório de conhecimentos que são consolidados nas atividades com leitura e interpretação e na escrita os alunos têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades de imaginação de uma forma mais ativa que na leitura, porque escrevendo não estamos vendo o mundo outro, estamos criando o nosso próprio mundo.

Se o trabalho desenvolvido com a leitura é constante e crescente o aluno, o leitor vai conseguir organizar os mundos que cria ao escrever e ao ler, como observa Cademartori:

Leitor e texto ligam-se na medida em que o texto é uma organização simbólica com uma função representativa que se cumpre no leitor, pois a leitura é a parte determinante de qualquer texto. Este, por natureza apresenta vazios constitutivos que só encontram preenchimento por meio da inserção da faculdade imaginativa do leitor. (CADEMARTORI, 2006, p. 83)

Todos esses processos se aprimoram com a leitura e o uso constante da imaginação. Mais adiante, no capítulo 3, elencaremos grande variedade de sugestões de trabalho com os mais diversos materiais para ajudar na formação do leitor.

Como podemos observar ao longo do capítulo, a Educação Estética, de Schiller, está de acordo com o desenvolvimento que se espera de um leitor por meio da arte, é uma maneira de harmonizar o que temos de mais conflituoso em nossa constituição humana, a emoção e a razão, em busca da beleza que é o impulso onde aprimoramos nossa moral, nosso intelecto e nossa emoção em um caminho de aperfeiçoamento contínuo que vamos aprendendo toda vez que o conhecimento das coisas se harmoniza com o nossos sentimentos e podemos superá-los em uma maneira nova de entender o mundo onde o respeito, a ética e o conhecimento imperam juntos como um só.

### III – ANÁLISE E DISCUSSÕES

O nosso estudo se desenvolveu numa escola de tempo integral como já foi descrito anteriormente. Neste capítulo, faremos análises e discussões com base na educação estética e no letramento literário verificando o que acontece na escola com a formação do leitor e a importância da literatura infantil. Partiremos do Projeto Político Pedagógico (PPP) no item 3.1, analisaremos os programas de incentivo à leitura do governo federal e municipal e no item 3.3 analisaremos os planos de aula dos primeiros aos quintos anos no que se refere à formação do leitor e ao papel da literatura infantil para formar esse leitor. Nesse momento daremos sugestões para um trabalho de formação do leitor com base na nossa experiência ao longo dos anos e dos princípios teóricos aqui explicados.

#### 3.1 A leitura literária e o Letramento Literário na escola

A escola de tempo integral Monteiro Lobato está situada no bairro Jardim Tiradentes em Aparecida de Goiânia. É uma escola que tem em seu quadro de professores pedagogos e professores de áreas específicas. Além do pedagogo a escola conta com professores de Inglês e Espanhol [O professor de Espanhol está de licença e não foi substituído], um professor de laboratório de ciências, um professor de Artes Cênicas, um professor de Educação Física e uma professora de Dança. A escola declara em sua filosofia que se orienta pela Educação Histórico-Crítica de Saviani e que suas práticas estão de acordo com essa filosofia e tem como objetivos:

- ✓ Promover a construção de conceitos por meio de situações problemas;
- ✓ Propiciar o entendimento do trabalho como definidor das relações sociais existentes;
- ✓ Socializar os conhecimentos artísticos, filosóficos, políticos historicamente acumulados pela humanidade;
- ✓ Incentivar a leitura e a escrita, formas clássicas de conhecimento;
- ✓ Integrar os conteúdos escolares na intenção de dialogar com as diversas áreas do conhecimento;
- ✓ Organizar o processo de ensino aprendizagem tendo em vista “o quê, como e de que forma”, realizar a mediação pedagógica;
- ✓ Propiciar a formação de sujeitos críticos, participativos, reflexivos, autônomos e conhecedores de seus direitos e deveres e agente transformador de sua realidade e superação de conflitos;
- ✓ Contribuir para o ensino – aprendizagem das crianças com deficiência e/ou necessidades especiais;



✓ Promover atividades esportivas. (Aparecida de Goiânia, PPP, 2021, EMEI Monteiro Lobato)

Como podemos observar, há na descrição dos objetivos da escola promover a leitura e a escrita, mas não há qualquer menção do que se entende por leitura e escrita ou como esse processo será feito, não há menção aqui, nem nos textos que seguem. Na página 41 temos o quadro de competências específicas de língua portuguesa. Segue abaixo:

Quadro 22 - Competências Específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental	
1	Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2	Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3	Ler, ouvir e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e compartilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4	Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5	Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
6	Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7	Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8	Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9	Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
10	Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Fonte: Projeto Político Pedagógico da escola em estudo versão final de 2021.

Ao observarmos o quadro de competências acima vemos que ele está de acordo com o que vimos até aqui em relação a formação do leitor, temos a leitura de texto integral no item 8, temos desenvolvimento do senso estético no item 9, temos as múltiplas manifestações da linguagem no item 4, temos a compreensão do sentido de um texto com seus valores e ideologias no item 7, temos o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção de textos no item 3 e

temos a língua como fenômeno cultural e expressão de seu povo no item 1. Já dissemos a literatura é a expressão máxima de seu povo, retrato de sua sociedade. O entendimento da escola vai para o mesmo caminho, só não indica o fazer pedagógico para conseguir todas essas competências. Num PPP essas ações aparecem nos projetos que a escola desenvolve ao longo do ano.

A escola conta com um projeto intitulado Projeto de Matemática e Português – Gênio Educacional que está descrito na página 50 do PPP, O projeto é da secretaria de educação municipal e foi enviado para escola, o projeto está em andamento e foi destinado ao 3º, 4º e 5º anos da escola, apesar de ter Português no nome do projeto, a descrição feita no PPP nos diz que é um projeto de Matemática voltado para tecnologias, não há qualquer informação sobre atividades voltadas para o ensino de língua portuguesa e menos ainda para formação de leitores.

A escola tem um projeto intitulado “Biblioteca Motivadora”, descrito na página 83 do PPP. Neste projeto temos a descrição de uma atividade onde a bibliotecária conta histórias uma vez por semana para todas as turmas. O trabalho consiste em escolher uma história da biblioteca e contar essa história para as crianças. Estas se sentam no chão porque a biblioteca não conta com mesas e cadeiras, salvo um pequeno conjunto de mesas e cadeiras para alunos do primeiro ano. Esta atividade foi pensada para desenvolver o prazer pelas histórias, os alunos participam como ouvintes, não há qualquer menção ao debate ou ao entendimento das histórias, assim como não temos na descrição do projeto qualquer outra ação posterior a leitura da história que desenvolva as capacidades de leitura. O que temos são oficinas de dobradura, contação de histórias, fantoches, jogos pedagógicos e cinema. As outras ações descritas no projeto se relacionam com o uso do espaço físico da biblioteca.

Não há nenhum projeto voltado para formação do leitor ou para leitura literária na escola, não há uma concepção clara do processo de formação do leitor na escola e o uso da literatura como parte desse processo de formação não está referendado no PPP da escola.

Nossa proposta de trabalho gira em torno do círculo de leitura como base para a formação de uma comunidade leitora dentro e fora da escola. Antes de

mais nada vamos entender o que é um círculo de leitura. Segundo Cosson, (2021):

Lembramos que um círculo de leitura [...] é uma prática de leitura compartilhada na qual os leitores discutem e constroem conjuntamente uma interpretação do texto lido anteriormente. Essa discussão pode assumir forma mais estruturada, em que cada leitor tem uma função predefinida; semiestruturada, quando há orientações a serem seguidas pelos leitores; ou simplesmente livres, com os leitores participando conforme suas disposições e necessidades. Na escola, um círculo de leitura é uma estratégia didática privilegiada de letramento literário porque, além de estreitar laços sociais, reforçar identidades e solidariedade entre os participantes, possui um caráter formativo essencial ao desenvolvimento da competência literária, possibilitando, no compartilhamento da obra lida por um grupo de alunos, a ampliação das interpretações individuais. (COSSON, 2021, p. 9)

Cosson (2021) propõe 3 tipos de círculos de leitura, estruturados, semiestruturados e aberto ou não estruturado. Nos ocuparemos do primeiro que segundo o autor é um modelo escolar como vimos na citação acima. Cosson (2021) fala das etapas de formação do círculo de leitura e de seu funcionamento. Sua primeira sugestão é a criação de um diário de leitura, que para nós é uma ótima ideia. Porém, ele indica como sugestão e nós indicamos como obrigação. Com este diário de leitura que deve existir em dois formatos.

O primeiro deles é voltado para as experiências de leitura do círculo de leitura e nele se registra a síntese das discussões do grupo, seus maiores questionamentos, sugestões e tipos de leituras feitas pelo grupo e outro diário pessoal, para que cada participante possa contar, com suas próprias palavras, as experiências de leitura, o entendimento que ele teve do texto, se mudou de ideia ao ouvir os outros membros do grupo. Esse diário pessoal possibilita o exercício de leitura, a criação de um glossário que está associado a cada livro ou texto lido, pode e deve conter outras leituras que não estão diretamente ligadas a escola como as leituras feitas em casa e qualquer coisa que o aluno acreditar ser relevante. Lembre-se de adequar os textos que vão para casa com o seu público como assinala Aguiar (2001):

Do ponto de vista material, o livro deve cativar o leitor por sua aparência, uma vez que o contato físico é o primeiro que acontece e já vem carregado de sentidos, apoiado nas primeiras impressões que desperta. Quanto menor o leitor, maiores as letras, e mais espaço é dado à ilustração. À medida que ele cresce, aumenta a quantidade de texto, e diminuem os efeitos visuais. Significa dizer que o meio está a

serviço da capacidade cognitiva de quem lê e não só da sua sedução.  
(AGUIAR, 2001, p. 64)

Este material que vai para casa tem como função principal cativar o estudante, encantar o estudante e proporcionar momentos de prazer que ele poderá ter com a sua família ou sozinho. Essas leituras que o aluno desenvolve sozinho possibilita que ele pense por si só, que ele exercite as habilidades que estão sendo desenvolvidas no círculo de leitura e nas aulas do professor.

O que temos que ter em mente é que as atividades de leitura executadas na escola e que se relacionam com o círculo de leitura levam em conta outras muitas atividades, no item 3.3 daremos algumas sugestões de trabalho com leitura que podem ser desenvolvidas na escola para se criar a comunidade leitora, aqui temos uma descrição do trabalho que pode ser feito com cada turma da escola.

Para se criar um círculo de leitura sugerimos que as atividades de leitura ocorram em duas grandes frentes. Uma frente trabalha com as questões de interpretação textual, conhecimentos gramaticais inseridos no texto e conhecimento da teoria textual e literária com o uso de pequenos textos lido pelo professor em sala de aula e acompanhado pelos alunos. Com esses pequenos textos o professor pode trabalhar as questões de interpretação, usando um texto literário que se comunica com temáticas da vida e preferencialmente com os textos que são usados no círculo de leitura.

Essas temáticas podem trazer outros textos não literários que trabalham com a questão. Vamos imaginar que estamos trabalhando com um texto que toca na questão da obediência aos pais, como Chapeuzinho vermelho, podemos trabalhar com um gênero textual associado como uma lei falando do direito e deveres das crianças da nossa sociedade, do contexto social do aluno. Podemos falar de trabalho infantil uma vez que a Chapeuzinho vai fazer uma entrega e ainda podemos ligar a questão com a dos entregadores de aplicativos de nosso tempo. Chapeuzinho mora em um meio rural, ao menos é o que indica o texto, passa por uma floresta e aqui podemos ligar a questão as discussões ambientais de nosso tempo. Podemos trazer as experiências dos leitores com florestas ou matas, trabalhando aspectos psicológicos dos alunos, enfim, dependendo da imaginação do professor e das respostas dos alunos teremos uma infinidade de

textos e contextos que podem ser trabalhados e possibilitamos que o aluno tenha a oportunidade de “exercitar publicamente o diálogo da leitura” (COSSON, 2021, p. 19).

Além disso essas atividades com o círculo de leitura “oferece tanto ao aprendizado da leitura quanto ao desenvolvimento integral do aluno como cidadão (COSSON, 2021, p. 23)

O trabalho com os colegas, as atividades realizadas uns com os outros demandam respeito, paciência, aprender a esperar, aprender a argumentar, aprender a aceitar a opinião que diverge da sua entre outras coisas. Esta atividade ajuda na formação do leitor e do cidadão como também observa Cosson (2021):

Também como resultado nas atuações nos grupos, os alunos aprendem a ouvir e respeitar a posição do colega, a buscar o consenso quando possível e a aceitar e defender as regras da discussão para que todos participem livremente e de modo igualitário, em um processo verdadeiramente democrático. (COSSON, 2021, p. 24)

Além desse trabalho feito com os grupos e o trabalho feito com um texto curto, indicamos que o professor faça um trabalho com um texto longo, não importa a idade dos alunos da turma, se forem muito pequenos essa atividade deve durar menos tempo, se forem maiores essa atividade poderá durar mais tempo. O importante é que essa leitura comece e não termine no mesmo dia e que o professor tenha a sagacidade de parar a história em um momento muito interessante como fazia Sherezade na obra *As mil e uma noites* (2021) para não ser morta pelo rei. Assim teremos a leitura feita pelo professor de um texto curto, para que questões de interpretação, teoria literária e questões gramaticais possam ser ensinadas e a leitura de um texto longo onde se trabalha a atenção, o prazer pela leitura, a imaginação, a catarse, o drama, a epifania, etc. Neste processo é fundamental que cada aluno tenha uma cópia do texto - o que nos leva para nossa próxima questão, ou seja, o acesso ao livro e ao texto.

O acesso ao texto e ao livro é um grande problema na escola pública e como solução para este problema sugerimos um caminho possível de realizar na escola de uma forma muito barata. A escola pode adquirir com o recurso do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) ou da festa junina, ou de qualquer

verba que esteja disponível na escola e que possa ser usada para esse fim, uma impressora com tanque de tinta. Essas impressoras são capazes de imprimir cinco mil folhas com uma recarga de seus tanques. Com essa impressora na escola os professores podem pegar seus textos digitalizados e de domínio público ou licenciados pelas prefeituras, estados ou governo federal e imprimir no formato de livreto os textos que serão usados tanto nas aulas como no projeto literatura em casa. O formato livreto vem programado nas impressoras, esses programas pegam uma folha A4 na orientação paisagem imprimindo em quatro lados o que reduz muito o gasto com papel na escola. Um texto com 16 páginas gastaria quatro folhas de papel A4, sem falar que uma vez impresso o material, ele poderá ficar disponível para ser utilizado outra vez.

Vamos ao projeto literatura em casa, se queremos formar uma comunidade de leitores o acesso aos livros é fundamental. Este projeto é bem simples, a escola confecciona sacolas de pano para que os alunos possam escolher dentre o acervo da escola o livro que ele levará para casa para ler.

Esses livros serão aqueles que a escola está produzindo para formar sua biblioteca de trabalho e também aqueles que estão, normalmente, trancados nas bibliotecas da escola. Caso a escola não conte com um grande acervo de textos literários, campanhas de arrecadação de livros podem ser feitas com a ajuda de outras instituições como mercados, lojas locais, líderes comunitários e religiosos, e com qualquer pessoa que possa ajudar na arrecadação de livros.

O trabalho começa com o que temos disponível na escola e se estende com que podemos adquirir seja via doações, seja via compra com verbas da própria escola e com os livros produzidos na escola. O que temos que ter em mente é que o aluno precisa ter contato com os textos integrais, de preferência na forma de livro. Para que o contato com o texto, com o livro e o trabalho realizado pelo professor possa estabelecer a relação que Zilberman nos indica:

Conseqüentemente, a proposta de que a leitura seja enfatizada na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando, sobretudo, a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Desse intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre texto e leitor, emerge a possibilidade de um conhecimento do real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço a parte – a que o ensino se submete. (ZILBERMAN, 2009, p. 35)

Sem o contato com o texto integral, com o livro, essa relação de intercâmbio citada acima não pode ser estabelecida. A leitura praticada em sala de aula, com o professor, precisa ser desenvolvida também sem o auxílio do professor e caso o estudante se depare com algo que ele ainda não está preparado ou por alguma razão ainda não consegue entender, ele sempre terá o professor e o círculo de leitura ou as aulas pautadas nos textos para resolver ou ao menos tentar resolver essas questões.

Tendo em vista o modelo de círculo de leitura que apresentamos, algumas reflexões sobre a prática com os círculos de leitura se fazem necessárias. O círculo de leitura pode ser feito somente em sala de aula sem a participação dos outros membros da escola, porém, esse procedimento não é o ideal. As atividades do círculo de leitura devem integrar o calendário de trabalhos da escola e deve estar relacionado com muitas outras atividades que devem ser feitas na escola com a ajuda dos gestores da escola. O trabalho de desenvolver a teoria, de dar os elementos da leitura e de formação são feitos em sala de aula, mas as atividades em que esses alunos exercitam o que aprenderam deve ser feita na escola em muitos eventos diferentes relacionados à leitura e que são explicados no item 3.3.

O trabalho na sala de aula tem o professor no centro do processo, é ele que escolhe os textos que vai trabalhar, as habilidades que vai ensinar, normalmente conforme o programa da escola, é ele que avalia o processo de aprendizado do que está sendo ensinado, mas o trabalho do círculo de leitura temos o aluno no centro do processo. Os alunos devem escolher as obras que serão trabalhadas, as quais podem mudar de grupo para grupo, caso eles não gostem da obra ou não estejam preparados para aquela obra em questão. Podemos trabalhar em um círculo de leitura com uma única obra para todos os leitores ou com várias obras que são indicadas para cada grupo. Nossa experiência indica o trabalho com grupos de no máximo 3 pessoas, enquanto Cosson (2021) aceita um máximo de 4 pessoas por grupo. Nós indicamos 3 pessoas porque o trabalho com esse número de participantes exige uma dedicação mais intensa de cada indivíduo enquanto o trabalho com 4 deixa sempre um deles em uma posição em que não há função.

Cosson (2021) estabelece uma etapa que ele chama de modelagem, que consiste em ensaiar com a turma como funciona um círculo de leitura. Segundo este autor essa etapa é fundamental para o sucesso do círculo de leitura. Nós acreditamos que esse ensaio pode ajudar nas práticas do círculo de leitura, mas que podemos mais que ensaiar, podemos efetivamente fazer as atividades que serão usadas nos círculos de leitura por meio da leitura dos textos curtos em sala de aula.

Para nós a leitura feita pelo professor que é o leitor mais experiente entre os alunos e a maneira como o professor indica as marcações na leitura podem possibilitar esse processo de modelagem e ainda atribuir as funções que Cosson (2021) indica na página 83, “os cartões de leitura”. Estes cartões são usados para atribuir funções aos alunos, leitores para que o círculo funcione e as discussões ocorram. O primeiro cartão é questionador, “sua função é fazer perguntas sobre o texto para seus colegas” (COSSON, 2021, p. 87) o leitor com essa função deve fazer 5 perguntas sobre o texto e esperar que seus pares respondam. Esse trabalho com um texto curto será mais fácil de desenvolver e aprimorará a habilidade de fazer perguntas ao texto. Cosson (2021) indica que essas perguntas sejam abertas, o que pode ser exemplificado pelo professor ao desenvolver essa atividade.

Segundo cartão é o iluminador de passagem, a função deste é que “identifique uma ou duas passagens que você acha interessante por alguma razão” (COSSON, 2021, p. 89) O aluno deve marcar uma passagem que achou interessante por alguma razão e expor para o grupo a razão de tê-la achado interessante e daí debater com seu grupo.

Terceiro cartão é o conector, ele “é o responsável por estabelecer conexão entre o texto e outros textos (intertexto) e entre o texto e o mundo (contexto).” (COSSON, 2021, p. 90), esta é sem dúvida uma das funções que exige maior conhecimento dos textos, o professor poderá facilmente demonstrar como se faz essas conexões com o trabalho descrito acima, o da *Chapeuzinho Vermelho*, assim o aluno terá referência para fazer o mesmo.

O quarto cartão é o dicionarista, sua função “é encontrar palavras ou frases que são desconhecidas, pouco usadas ou que receberam um sentido



especial no texto” (COSSON, 2021, p. 92), essa atividade foi indicada por nós, para ser feita juntamente com o diário de leitura pessoal e deve acompanhar qualquer leitura, o aluno deve ter o hábito de anotar o que não entende e buscar respostas, seja por meio de um dicionário, seja por um meio eletrônico ou consultando seu professor.

O quinto cartão é o sintetizador, sua função “é fazer uma sinopse” (COSSON, 2021, p. 94) essa é uma atividade que demanda grande experiência de leitura na nossa opinião, podemos desenvolver essa atividade em textos curtos em sala de aula para posteriormente passarmos aos textos mais longos, sugerimos que antes dessa atividade sejam introduzidas as técnicas de resumo e que se passe a ideia de estrutura de parágrafos, assim passando de uma estrutura menor para uma maior o aluno desenvolve essa habilidade.

O sexto cartão é o pesquisador que “tem por função localizar as informações que são importantes para melhor compreender o texto. (COSSON, 2021, p. 96). Aprender a pesquisar deve ser ensinado desde sempre, sugerimos começar esse trabalho com a indicação das fontes, explicar que existem fontes confiáveis e outras não confiáveis, os melhores lugares para pesquisar e o que é relevante em uma pesquisa sobre um texto. Mais uma vez indicamos que o trabalho deve ser feito junto com o professor em sala de aula, deve-se ensinar a pesquisar antes que o aluno ganhe essa função no círculo de leitura.

Sétimo cartão é o analista de personagem, o nome é autoexplicativo e para essa atividade ser feita o aluno já deve ter a noção dos tipos de personagens existentes, de como eles se relacionam com o texto, a ideia de um mundo maniqueísta já deve ter sido debatida entre o professor e os alunos, para que estes tenham ferramentas para analisar uma personagem com mais isenção.

O último cartão é do registrador este é responsável por registrar o resultado das discussões, função parecida será desenvolvida no diário de leitura pessoal, a única diferença é que no diário de registro do grupo teremos a síntese das descobertas do grupo.

### **3.2 A formação do leitor na escola**

Nós analisamos os planos de aula das turmas dos primeiros aos quintos anos da escola entre 21 de janeiro de 2021 e 02 de junho de 2021.

As atividades descritas nos planos de aula do primeiro ano, voltadas para os conteúdos de língua portuguesa estão pautadas no livro didático adotado pela escola, há também descrição de uso de material impresso na escola. Tanto o livro didático como as atividades impressas usam textos, às vezes, literários, às vezes, não literários para apoio as atividades gramaticais ou de reforço para as atividades voltadas para a alfabetização. Não encontramos nos planos do primeiro ano atividade com livro literário. Vejamos como o leitor é desenvolvido com base na leitura que fizemos dos planos de aula. A escola tem mais de uma turma por série, mas os planos são feitos conjuntamente, então o que falamos de um plano para uma turma vale para todas as turmas daquela série.

Não identificaremos os professores e chamaremos de professora A, B, C, D e E respectivamente para cada série existente nessa escola, que cobre 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental. Começaremos com a análise do 1º ano e vamos avançando até chegarmos ao 5º ano. Nossas categorias de análises são: a) alfabetização, b) o trabalho com literatura, e c) o letramento literário. Os planos dos primeiros e segundos anos serão descritos dia a dia porque são os planos que compreendem a alfabetização. Já das séries seguintes analisaremos somente as atividades que envolvam leitura e interpretação de texto e as atividades com letramento literário se existirem.

#### **a) Planos de aula do primeiro ano do ensino fundamental**

Habilidades de língua portuguesa a ser desenvolvida

EF01LP25 -Distinguir as letras do alfabeto dos outros sinais gráficos;

EF01LP26-Escrever o próprio nome e utiliza-lo como referência para escrever outras palavras;

A habilidade a ser desenvolvida neste plano no que toca a língua portuguesa é “distinguir as letras do alfabeto dos outros sinais gráficos e escrever o próprio nome e utilizá-lo como referência para escrever outras palavras” aqui temos o que se espera desenvolver no período descrito, não há qualquer menção ao uso de textos para executar tal tarefa, menos ainda de textos

literários. Quando olhamos para parte de execução do plano dia a dia temos a seguinte sequência:

01/02 – Uso de um vídeo feito pela professora A falando da importância dos nomes e de como seria o mundo sem nomes.

A professora optou por produzir um vídeo para falar da importância do nome das coisas, esse trabalho poderia ser feito com o livro da Ruth Rocha *Marcelo, Martelo, Marmelo* que discute de forma literária e interessante a questão do nome das coisas. Não sabemos o conteúdo do vídeo criado pela professora A, mas o vídeo não permite o contato com o livro, com as imagens da história, não permite que a criança entre em contato com o mundo letrado. O vídeo tem a vantagem de ser assistido rapidamente, mas não estimula a imaginação porque neste formato tudo está pronto.

02/02 – Voltamos ao vídeo da velinha, atividade de interpretação e as vogais.

Agora o vídeo serve de base para exercícios, perguntas relacionadas a memória são feitas, por que o a velinha dava nome as coisas? Todas as coisas da velinha tinham nomes? Por que tinham nomes? Está na descrição do trabalho a solicitação de um desenho de um animal e que lhe dê um nome. Não há uma relação direta com o vídeo, a única relação que temos é a velinha dá nome as coisas e o aluno nomeará o animal que desenhou. Ainda nesta aula temos a introdução das vogais, mas não há relação com a história ou com qualquer texto. É apenas a apresentação de um conceito sem qualquer ligação com o mundo do aluno ou com o contexto educacional criado pela professora A.

03/02 – Apresentar as letras e fonemas de cada letra, frisar que letras e sons são diferentes.

Neste dia temos mais uma introdução de um conceito linguístico, as letras e os fonemas. Não temos mais uma vez nenhuma relação com o contexto educativo criado pela história em vídeo. O conceito está desligado da realidade do aluno ou da realidade criada pela professora na escola. Aqui poderíamos facilmente usar o livro *No reino das letras felizes* de Lenira Almeida Heck, 2014. Este livro apresenta todo o alfabeto em uma história divertida e não muito longa

e apresenta as vogais de forma especial. Além da parte prática que o livro oferece mediante a apresentação das letras, ele também introduz a noção de fonema, discute a relação de união entre as letras e entre as pessoas; por fim, ele também traz outras tantas oportunidades de discussões sobre as relações com os familiares, com as pessoas, com o regime de governo uma vez que a história se passa em um reino e não numa democracia. Sempre há mais possibilidades do que podemos elencar quando trabalhamos com texto literário.

04/02 – Há uma indicação de uso do vídeo da velinha, agora chamando a atenção para as vogais da história, depois há uma atividade em folha para pintar as vogais. A atividade não está relacionada com a história apresentada em vídeo, é só uma atividade com as vogais sem se relacionar com o que os alunos viram no vídeo. Se um texto literário estivesse sendo usado não haveria necessidade deste tipo de atividade já que as vogais são personagens da história o que facilita a memorização porque ela está em um contexto narrativo e não só em uma folha de atividade sem relação com o mundo criado para se ensinar as vogais.

05/02 – Temos um vídeo explicativo sobre sons e letras do alfabeto, no plano não diz qual é o vídeo e uma atividade que consiste em pintar à mão e buscar em livros ou revistas velhas palavras que tenham vogais para colar nessa mão desenhada. Não temos no plano uma indicação de que vídeo foi usado para falar da relação de letra e som, também não há uma explicação sobre quais letras e sons estão sendo apresentadas, não sabemos se são todas elas ou algumas delas. Na atividade temos uma volta as vogais em uma atividade que não estimula a leitura ou o pensamento, ou a criatividade. Apenas se faz mister encontrar as vogais, recortar e colar em um desenho da própria mão da criança. Não lhe é ofertado a possibilidade de imaginar um desenho para se colocar essas vogais e elas não se relacionam com qualquer contexto letrado da criança ou da nossa sociedade.

08/02 – Há indicação de um vídeo sobre as letras do alfabeto, mas o vídeo não foi identificado, temos nova referência ao vídeo da velinha, agora para se escrever o nome dos objetos que são indicados no vídeo. As letras do alfabeto são apresentadas agora por meio de um vídeo e o vídeo da velinha é usado em uma atividade que só requer da criança ver o vídeo e pegar o nome dos objetos

que aparecem no vídeo. Não a estimulação do pensamento da criança e não temos a oportunidade de ensinar nada que não seja a apresentação de letras.

09/02 – Temos uma atividade em folha que consiste em escrever o nome da professora e nome do aluno e comparar o tamanho dos nomes. Nesta atividade a professora trabalha a ideia de arbitrariedade dos signos linguísticos e a noção que o tamanho das palavras não se relaciona com o tamanho das coisas. Neste caso temos a relação direta com o mundo dos alunos, mas é uma atividade que poderia ser explorada com o livro que já citamos da Ruth Rocha.

10/02 – Temos mais uma atividade em folha em que consiste pintar as letras das iniciais dos nomes. Mais uma atividade para fortalecer o conceito de alfabeto, mais uma vez não temos relação com qualquer texto ou contexto da turma.

11/02 – Hoje os alunos farão um autorretrato e escreverão seu nome e sobrenome. Atividade feita em folha impressa. Agora temos uma atividade que se relaciona com o mundo do aluno, mas não lhe permite nenhum pensamento ou discussão, não temos a razão pela qual o sobrenome existe, como as famílias se organizam ou a razão pela qual levamos os nomes de nossos pais. O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado explica essa relação que temos com nossos nomes, com nossos antepassados, com a nossa história de uma forma muito especial. Possibilitando o pensamento sobre essa relação de ancestralidade.

12/02 – Vídeo sobre os sons das letras, aqui temos a indicação que este vídeo é do Youtube, mas não sabemos qual vídeo é. Os alunos devem procurar objetos que comecem com vogais e escrever o nome dos objetos. O conceito aqui também é explorado de forma desconectada de qualquer texto ou contexto dos alunos.

18/02 – Vídeo explicando os encontros vocálicos e atividade em folha sobre os encontros vocálicos. Mais uma atividade que não explora qualquer noção de letramento, não temos o conceito ligado a qualquer atividade de letramento, é só um conceito trabalhado de forma isolada.

19/02 – Continuação da atividade de encontro vocálico.

22/02 – A história da família é feita com amor, vídeo da professora. Não há indicação de trabalho com conceitos da língua, é uma narrativa para se apresentar um dos elementos da narrativa – o lugar.

23/02 – Voltamos ao vídeo anterior, há uma indicação de identificação de um dos elementos da narrativa, o lugar. Porém as perguntas se relacionam com a memória da criança – onde aconteceu a história?

24/02 – Revisão das letras do alfabeto. Mais uma vez uma atividade que privilegia a memória da criança. Uma revisão das letras do alfabeto em geral.

25/02 – As letras e os seus sons F – M – L. Há uma indicação em buscar no texto impresso as palavras que começam com F, M e L. Nós temos uma relação com as letras citadas e um texto. Há uma indicação que um texto será usado pela professora em uma atividade em folha, mas não temos a indicação de qual texto será usado, de qualquer forma a atividade consiste em encontrar letras no texto. Não temos uma atividade voltada para o entendimento do texto, as relações de aprendizados que podem ser exploradas em um texto, este é só um pretexto para se encontrar letras.

26/02 – Atividade de leitura das palavras com F, M e L encontradas no texto impresso. Temos uma atividade nos moldes da anterior com as palavras encontradas pelos alunos que será lida pela professora e acompanhada pela turma.

01/03 – Vídeo com as letras e os sons de F, M e L. Fazer uma lista de palavras com F, M e L. O aluno mais uma vez vai copiar de um vídeo as palavras que aparecem com as letras que estão sendo estudadas.

02/03 – O conceito de família, olhe como é a sua família e conte para seus colegas. Aqui temos um trabalho que parte do mundo do aluno, a sua própria família e será usada para comparar e discutir a ideia de família entre os colegas. Um trabalho com o letramento literário poderia explorar essa ideia não só pelo mundo dos alunos, mas por todo o mundo.

03/03 – Leitura das personagens da história que estão em uma folha impressa, depois escrever os nomes das personagens na folha. Temos aqui a

apresentação de um conceito da narrativa, a personagem, mas o texto é usado somente para apresentar o conceito de personagem.

04/03 – Atividade de contagem de letras, os alunos devem escrever a palavra família e contar quantas letras ela tem. Uma atividade que na nossa opinião não precisava estar em uma aula, se a relação de letra e fonema fosse trabalhada junto com a contagem da letra haveria alguma razão de ser desta atividade, mas o simples contar de letras em uma palavra não ensina nada, o aluno não reflete sobre nada.

05/03 – Vídeo sobre leitura de palavras e atividade em folha impressa que consiste em um acróstico. Uma atividade que poderia ser muito interessante se os alunos tivessem em uma comunidade de leitores na escola, se os alunos estivessem lendo ou ouvindo histórias teriam um vocabulário ampliado e poderiam facilmente fazer um acróstico. É uma atividade que estimula a imaginação e explora o conhecimento linguístico, mas precisa estar em um contexto de formação de leitor.

08/03 – Leitura de palavras com F, M e L e posterior atividade em folha impressa. Uma atividade que poderia ser feita em todas as aulas com as leituras de textos literários que poderiam ser acompanhados pelos alunos.

09/03 – Leitura de palavras e vídeo educativo, não há indicação do vídeo ou do assunto tratado pelo vídeo. O plano não deixou claro qual era o objetivo da professora neste dia, só temos uma continuação da atividade do dia anterior com a leitura de palavras com F, M e L. Não sabemos o propósito de mais um vídeo.

10/03 – Atividade de interpretação, os alunos assistirão um vídeo que trata da diferença entre famílias. A atividade é um questionário perguntando sobre coisas da história. Quem era a ovelhinha, como ela foi parar na família em que se encontrava? Uma narrativa em vídeo que explora somente as questões que se relacionam com os elementos da narrativa. Não há oportunidade para os alunos pensarem porque as perguntas são fechadas e não permitem as muitas possibilidades que um texto artístico oferece, mesmo quando está em formato de vídeo.

11/03 – A sua família – atividades que perguntam sobre a família dos alunos, o que fazem, como é convivência em casa? Já falamos que obra literária exploraria essas questões muito melhor, como por exemplo Vovô fugiu de casa de Sérgio Capparelli, 1981, uma linda história que fala das relações internas da família e a percepção de uma criança que parece entender mais de família que os adultos.

12/03 – Leitura de palavras com F, M e L. Atividade em folha. Mais um reforço da leitura de palavras com as consoantes em estudo.

15/03 – Vídeo grande rabanete e as perguntas: O que você achou da história? Quem eram as personagens? Elas já se conheciam? Você conhece o que é um rabanete? Você já comeu? O vídeo em questão foi gravado pelo Sesc e está disponível no Youtube em [https://www.google.com/search?q=o+grande+rabanete&rlz=1C1CHBD\\_pt-PTBR86\\_0BR860&oq=&aqs=chrome.69i59i450l8.246784556j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=o+grande+rabanete&rlz=1C1CHBD_pt-PTBR86_0BR860&oq=&aqs=chrome.69i59i450l8.246784556j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8) o vídeo canta a história do livro O grande rabanete de Tatiana Belinky, 2017. As perguntas apresentam os mesmos problemas que já indicamos anteriormente. As perguntas são fechadas, o que só permite que a memória dos alunos seja explorada mais uma vez. Além disso, as respostas estão no vídeo e não requerem pensamento por parte do aluno.

16/03 – O plano indica que a história foi reproduzida em texto e é solicitado que o aluno pinte algumas letras de cores diferentes. O texto aqui também é usado como pretexto para uma atividade gramatical.

17/03 – Explicação sobre a capa do livro e seus elementos. Temos uma atividade que consideramos importante, ensinar a ler a capa do livro e seus elementos, esta pré-leitura ajuda ao cérebro da criança a comparar o mundo da história com o seu próprio mundo.

18/03 – Atividade em folha impressa, visita a horta do vovô, atividade de leitura. O plano de aula indica que é mais uma atividade para decodificar palavras em um texto.

19/03 – Atividade em folha, os membros da família do vovô.

22/03 – Atividade em folha, os nomes dos legumes da horta do vovô.



23/03 – Recorte de uma revista figuras que iniciem com as letras G, R, B e T, depois cole no caderno.

24/03 – Leitura das palavras que os alunos colaram no caderno, com base nas figuras a professora escreve as palavras e lê com os alunos.

Os quatro dias indicam atividades que estão relacionadas a decodificação de palavras, o texto está sendo usado mais uma vez com pretexto para uma atividade gramatical.

25/03 – Faça uma receita com a sua família. Essa atividade fala de um novo gênero textual, a receita, mas não foi introduzido em atividades anteriores. Temos uma oportunidade de criar receitas literárias, fórmulas para criar qualquer coisa no formato de receita. Os alunos sempre nos surpreendem com as suas criações, mas é uma atividade que se desenvolve melhor se o aluno estiver em um processo de formação literária para explorar seu repertório e sua imaginação.

29/03 – Vídeo falando dos sons das letras G, R, B, T e atividade em folha impressa.

30/03 – Atividades em folha impressa sobre as letras G, R, B, T.

31/03 – Atividade com a letra G. Usando um programa chamado roleta interativa.

Mais três dias de atividades voltadas para conhecimentos gramaticais, apenas treinando a decodificação.

01/04 – Atividade receita de bolo feito em uma caneca. Essa atividade deveria ter sido feita antes de pedir que o aluno fizesse uma receita em casa ou melhor deveria ser feita na escola para que fosse reproduzida em casa com a família depois de explorar o gênero na escola.

02/04 – Ler as palavras do banco de palavras com G, R, T e B. Não há qualquer menção a construção de um banco de palavras feito com os alunos em nenhum momento até aqui, mas ao que tudo indica a professora A criou um banco de palavras e usará nesta atividade para treinar a decodificação. O plano que compreende o período entre 03/04 e 25/04 não nos foi disponibilizado pela escola, fizemos algumas solicitações por e-mail e duas solicitações

pessoalmente, mas não recebemos o plano que compreende este período, mas entendemos que a falta deste plano não é um impedimento para as análises uma vez que os outros planos demonstram que o trabalho é desenvolvido da mesma maneira.

26/04 – O plano indica a continuação de leitura do texto Confusão no Jardim de Ferruccio Verdolin Filho, 2006 e atividade em folha onde o aluno deve falar das figuras que aparecem no poema. É uma atividade para desenvolver a escrita com base nas palavras que ela está conhecendo.

27/04 – Fazer a leitura dos fonemas LH, N, V, P e depois fazer a atividade de cruzadinha em folha. Temos uma variação de atividade de escrita e leitura que está focada na palavra, na decodificação da palavra.

28/04 – A frase, explicação sobre o conceito e atividade de complete a frase. Mais uma vez temos um elemento textual desvinculado do texto, acreditamos que ensinar esse e outros conceitos textuais seria mais produtivo se tivessem ligados ao lugar onde eles acontecem, o texto.

29/04 – Forme frases com os animais que aparecem no texto a confusão no jardim. Temos o texto como pretexto para uma atividade em que se deseja trabalhar um conceito gramatical, o texto é só um lugar onde tem umas palavras para se usar de base para formar frases. Não há uma relação de sentido da razão pela qual se formam essas frases.

03/05 – O bilhete, conceito e atividade de escrita de um bilhete. Um novo conceito foi introduzido, agora para um novo gênero textual. Não usaram nenhum modelo de bilhete para extrair dele suas múltiplas funções e usos. Mais um conceito sem uma ligação prática com o mundo do aluno.

04/05 – Faça um bilhete para o seu colega ir brincar no parque contigo. Agora temos uma razão de ser do bilhete em um uso prático. Esse uso específico leva em conta que o aluno vai escrever para o seu par e que o outro deve ser capaz de ler e entender a mensagem. Que informações como quando e onde devem ser levadas em considerações e que este bilhete especificamente requer uma resposta uma vez que é um convite.

05/05 – Faça um acróstico para sua mãe. Estamos em maio e o dia das mães está chegando, então as atividades escolares se voltam para essa data que é muito importante para as crianças. Temos uma oportunidade de fazer os alunos produzirem porque estão motivados para fazer algumas coisas para suas mães. O acróstico tem uma aura literária e nesta data podemos ajudar os alunos a construir acrósticos muito interessantes. Claro que se as atividades de alfabetização estivessem aliadas as atividades de letramento literário as produções seriam muito mais interessantes uma vez que os alunos estariam acostumados a pensar sobre a produções de outros podendo pensar sobre suas próprias produções.

06/05 – Faça um bilhete para sua mãe e atividade em folha – frases. Mais uma atividade para as mães, mas agora o foco são as frases.

07/05 – Lista de coisas para dar para sua mãe. Mais um gênero textual é introduzido aproveitando ainda a data comemorativa, não temos uma produção textual aliada, a literatura oferece várias listas muito interessantes que incluem o dia das mães. Podemos partir dos acrósticos que os alunos já estudaram para uma forma de lista com a mesma lógica de criação, só que agora com frases.

10/05 – Rime palavras de Confusão no jardim. Um conceito novo acaba de ser introduzido e uma atividade de rimar foi solicitada, os alunos tiveram contato com um único poema, não vimos nenhum trabalho ser desenvolvido sobre o ato de rimar. O que os alunos farão é copiar o que está no poema sem entender muito bem o que estão fazendo.

11/05 – Leia o poema Vida de boneca. Segundo poema apresentado e temos uma atividade de leitura, não temos nada relacionado a estrutura e funcionamento de um poema.

12/05 – Procure figuras em revista que comecem com a letra V, P e N. Mais uma atividade não se conecta com textos, buscar palavras com as letras que se está estudando no momento.

13/05 – Escreva um bilhete para um amiguinho para o seu aniversário. Não sabemos se é um convite para o aniversário do emissor do bilhete ou um

bilhete para parabenizar pelo aniversário do receptor do bilhete, em todo caso é um bom exercício de escrita uma vez que parte do interesse do aluno.

14/05 – Escreva uma frase para cada animal do texto Confusão no jardim, atividade em folha. Mais uma atividade que usa o texto com pretexto para uma atividade gramatical.

15/05 – Leitura de texto em folha com V, P, N e LH. Uma atividade para melhorar a decodificação da língua.

(EF01LP01) Reconhecer que a leitura e escrita acontecem da esquerda para a direita e de cima para baixo (linha de verticalidade).EF01LP02) Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representam fonemas.

As habilidades que serão trabalhadas mudaram então o enfoque das atividades devem mudar, vemos que as habilidades descritas poderiam ser facilmente trabalhadas se o trabalho voltado para o letramento literário estivesse sendo feito juntamente com a alfabetização.

17/05 – Leitura de banco de palavras com os fonemas/grafemas letra x.

18/05 – Leitura de banco de palavras com a letra x

19/05 – Leitura de palavras com os fonemas: X-CH-NH-Z.

20/05 – Reveja o vídeo de leitura dos fonemas X-CH-NH-Z.

As atividades feitas nos dias anteriores estão direcionadas para decodificação para treino com as letras demonstradas.

21/05 – O convite. Neste dia temos a introdução de um novo gênero textual, não temos uma relação com o mundo dos alunos, nem se usou um texto onde um convite estivesse sendo usado no contexto da história.

24/05 – Faça um convite.

25/05 – As adivinhas e atividade em folha.

26/05 – Caça palavras com a letra Z

27/05 – Leitura de banco de palavras com uso de fichas. Em seguida, resolva a cruzadinha: X OU CH

31/05 – Escreva uma lista de palavras que você colocaria dentro do caldeirão da bruxa que começam com as letras z-ch-x.

01/06 – Pense nas coisas boas que aconteceram na pandemia e nas coisas ruins, atividade em folha.

02/06 – Atividade em folha, escreva frases com as palavras da atividade.

Como podemos observar as atividades seguem uma rotina de aprendizagem que se baseia na aquisição do alfabeto, os textos usados estão sempre a serviço de um aprendizado gramatical. O uso dos textos é apenas para ilustrar as atividades gramaticais e quando temos atividades de interpretação textual elas são sempre voltadas para capacidade de memorização das crianças ou para capacidade de retirar do texto a informação pedida.

### **b) Planos dos segundos anos**

Os planos do segundo anos seguem a mesma lógica dos planos dos primeiros anos. Com pouca ou nenhuma variação, a preocupação da professora é que o aluno domine o código para poder decodificar, deixando de lado o trabalho com a literatura.

01/02 – Leitura do alfabeto e pintar as letras do nome. Os alunos passaram o ano anterior estudando o alfabeto e as suas aplicações, ao que tudo indica este trabalho vai continuar no segundo ano.

02/02 – – Conhecendo a história do seu nome. Quem escolheu? Você acha bonito seu nome? Gostaria de ter outro nome? Voltamos as bases indicadas no primeiro ano, o nome como ponto de partida para inserir outras letras. Só que agora temos uma ampliação para origem e significado do nome.

03/02 – Leitura do texto Nome da gente – recortar e colar palavras que comecem com a primeira letra do seu nome. Voltamos para as atividades de buscar palavras com a inicial do nome, é uma atividade que visa ampliar vocabulário. Se o aluno estivesse lendo dentro de uma comunidade leitora esta atividade não seria necessária porque uma infinidade de palavras e significados emergem dos textos literários.

04/02 – Identificar no texto as letras bastão maiúsculas e pintá-las. A escola em análise faz a transição da letra bastão para letra cursiva no segundo ano ao que indica o plano de aula em questão.

05/02 – Leitura do texto Gente tem sobrenome – identificar e pintar nome das flores e brinquedos no texto. Uma atividade que visa identificar nomes, mais uma atividade de ampliação de vocabulário.

08/02 – – Leitura do texto Toda coisa tem um nome – colocar as palavras que aparecem em negrito no texto em ordem alfabética. Esta tarefa visa organizar a ordem alfabética das palavras, é uma atividade de verificação de conhecimento.

09/02 – – Leitura do texto Toda coisa tem um nome – escrever o nome dos objetos. Temos mais uma atividade de ampliação de vocabular, esse tipo de atividade permite à professora verificar se o aluno reconhece palavras e se entende a diferença entre elas. Por isso, ora ele pede para identificar objetos, ora flores, ora animais.

10/02 – Leitura do texto Uma pessoa, um corpo – responder as questões relacionadas ao texto. Uma atividade interpretação, esta professora não colocou no plano o tipo de pergunta que iria fazer, por isso, não sabemos se são perguntas nos moldes das anteriores que privilegiam a memória.

11/02 – Leitura do texto Uma pessoa, um corpo – responder as questões relacionadas ao texto. Temos uma continuação da atividade do dia anterior o que nos indica que o número de perguntas foi maior ou a complexidade das perguntas foram maiores.

12/02 – Leitura do texto Identificação pessoal – responder as questões relacionadas ao texto.

18/02 – As crianças irão preencher o molde da identidade disponível na folha impressa. Nesta atividade temos mais uma vez a solicitação de pegar a informação de um lugar e colocar no outro.

19/02 – As crianças irão recortar o alfabeto móvel e formar palavras e colá-las no caderno. Esta é uma atividade que mais vale pelo aprimoramento das habilidades motoras do que o próprio objetivo da atividade que é formar

palavras. Não temos uma relação de atividade com palavras novas, oriundas de um texto ou de outra plataforma para ajudar neste processo de formação de palavras o que levará a criança a formar palavras que ela já domina.

22/02 – Atividades no livro, páginas: 16, 17, 18 e 19 – responder no livro as questões: 2, 3, 4, 5 e 6. É a primeira vez que temos uma menção ao livro didático o que nos leva a deduzir que o livro didático é pouco usado no primeiro ano ou que não é usado. A escola não tinha livros didáticos para consultarmos, fomos informados que havia falta de livros e que os alunos usavam versões diferentes do mesmo livro.

23/02 – Recortar as imagens das páginas: 285 e 287. Depois irá colá-las nos locais correspondentes nas páginas: 20 e 21. Mesmo caso da atividade anterior.

24/02 – Leitura e atividade no livro, página: 22. A criança deverá reescrever no caderno colocando em ordem alfabética os nomes dos personagens da turma da Mônica. Nesta atividade podemos observar que o livro didático adotado segue a mesma lógica de ensino que a escola adota.

25/02 – Leitura e atividade no livro, página: 24 e 25 – responder no livro as questões: 1 – letra C, 2 e 3 – letras A, B e C.

26/02 – Atividades no livro, páginas: 28, 29 e 30 – responder no livro as questões 1, 2, 3, 4 e 5.

No caderno - Recortar de revistas ou jornais palavras que tenham a letra P e palavras que tenham a letra B. Cole-as no caderno.

01/03 – Leitura do texto no livro, páginas: 10 e 11. Atividades no livro, páginas: 12 e 13 - questões: 1, 3 – letras A e B, 4 e 5.

02/03 – Leitura do texto no livro, página: 38. Atividades no livro, páginas: 39 - questões: 2, 3 e 4. A questão 1 será respondida oralmente juntos com os alunos.

03/03 – Leitura do texto, páginas: 31 e 32. Responder oralmente as perguntas da página/; 31. Atividades no livro, página: 33 – questões: 3 e 4. As questões 1 e 2 da página 33 serão trabalhadas oralmente.

04/03 – Continuação da atividade do texto O macaco comilão – páginas: 34 e 35, questões 5, 6, 7 e 8 para serem respondidas no livro.

05/03 – Atividades no livro, páginas: 51 e 52 – questões: 1, 2 e 3.

A professora usou o livro didático em todas as atividades dos dias anteriores e ao que tudo indica as atividades seguem o mesmo estilo que as demais atividades explorando a memória das crianças e repetindo conceitos e introduzindo letras pouco a pouco para ensinar a decodificação da língua.

08/03 – Leitura e interpretação da fábula A cigarra e a formiga. Um novo gênero textual é apresentado para a turma e uma atividade de leitura e interpretação é solicitada. Não sabemos que tipos de perguntas estão sendo feitas, mas a julgar pelo percurso até aqui teremos percurso até aqui teremos as mesmas perguntas voltadas para a memória do aluno.

09/03 – Formação de palavras das personagens da fábula e do título do texto. Trabalhando as consoantes e vogais. O texto está sendo usado com pretexto para se ensinar mais uma regra gramatical, a formação de palavras.

10/03 – Leitura e interpretação da fábula A cigarra e a formiga. Imaginamos que seja a continuação da atividade iniciada anteriormente, porque não há uma indicação de que uma leitura de outra versão da história seja feita.

11/03 – Cruzadinha - Formação de palavras – trabalhando consoantes e vogais. O trabalho com cruzadinha é ótimo para ensinar ortografia, mas não sabemos se ele se relaciona com a fábula em estudo, não está descrito no plano.

12/03 – Produzir uma fábula utilizando as personagens a cigarra e a formiga – dar o final que quiser para a história. Ao ler o planejamento de atividade ficamos confusos, fazemos uma nova fábula utilizando as personagens da fábula e se for assim os caminhos da narrativa se estendem ao infinito ou refazemos o final da fábula que tem duas versões, a cigarra recebe ajuda das formigas e a cigarra não recebe ajuda das formigas. Uma boa atividade muito interessante, tanto usar as personagens para criar uma nova história, como criar um novo final. Indicamos que essa atividade seja feita oralmente devido aos embaraços que os alunos do segundo ano ainda possuem.



12/04 – A criança fará a leitura do poema Um bichinho diferente na folha impressa e depois irá escrever as palavras em ordem alfabética formando uma lista de 26 palavras.

13/04 – A criança fará a leitura do poema Um bichinho diferente na apostila e depois irá escrever as palavras em ordem alfabética formando uma lista de 26 palavras. Continuação da atividade do dia anterior.

Nos dois dias anteriores temos uma atividade com poema, mas o poema em si parece não ser levado em consideração uma vez que a atividade é somente retirar dele as palavras em ordem alfabética.

14/04 – A criança fará novamente a leitura do poema Um bichinho diferente e depois irá responder às questões de interpretação na folha impressa. A atividade é de interpretação de texto, considerando que não houve uma preparação para uma atividade mais complexa envolvendo poesia, temos uma atividade de retirar do texto uma informação.

15/04 - A criança fará a leitura da música Mariana conta e depois irá responder às questões de interpretação na folha impressa. Atividade similar a anterior.

16/04 – Todos nós temos sentimentos e desejos. O texto Assim assado aborda os sentimentos e desejos de cada animal específico. E você? Quais são os seus sentimentos e desejos? Faça a leitura do texto Assim assado depois responda às questões de interpretação na folha impressa.

A diferença desta atividade para a atividade anterior é que temos um olhar voltado para o mundo da criança, neste caso os sentimentos dela. Não há um trabalho que direcione quais tipos de sentimentos estão sendo abordados. Nesta idade é comum que crianças sintam coisas que ainda não conhecem o nome.

19/04 – A criança fará a leitura da parlenda: Um, dois, feijão com arroz e depois irá responder às questões de interpretação na folha impressa.

Tivemos nos últimos dias uma sequência de atividades com texto voltados para interpretação, o que nos leva a observar que essas atividades são feitas muito rapidamente. A professora passa de um texto para outro e de um gênero textual para outro no tempo de uma aula. O que não permite uma leitura mais

aprofundada sobre o texto, em especial os textos literários que oferecem uma riqueza de interpretações.

20/04 – A criança fará a leitura do poema A boneca e depois irá responder às questões de ortografia. A atividade com o poema é só para explorar questões ortográficas, tudo mais foi deixado de lado.

21/04 – A criança fará atividade de fixação na folha impressa. Não sabemos do que se trata a atividade porque não está dito no plano, podemos supor que é uma atividade de ortografia já que é assunto tratado nesse plano.

22/04 – A criança fará atividade divertida na folha impressa em forma de cruzadinha para melhor fixação das ortografias P e B; depois irá escrever uma lista dos objetos da cruzinha e fazer leitura dos mesmos. Nossa suposição se confirma ao lermos o planejamento deste dia, temos mais uma atividade de fixação de ortografia das palavras com P e B.

23/04 – O texto Pescaria com papai aborda momentos numa pescaria com o papai e você já teve momentos assim? Quais foram? Conte-me por meio de um desenho no seu caderno. Esta atividade tem um olhar para as experiências das crianças, mas a solicitação não é de escrita, mas de desenho.

Nós analisamos as atividades dos primeiros e segundos anos no primeiro semestre de 2021 por meio dos planos de aula e constatamos que não há um trabalho voltado para o uso da literatura, em outras palavras não há um trabalho com o letramento literário na escola. O que temos é o texto usado como pretexto para atividades gramaticais e em poucos momentos para sondar o universo da criança, mas essas atividades duram somente uma aula o que não permite um debate sobre os temas tratados entre os alunos e nem entre os alunos e a professora. Constatamos que o trabalho no primeiro e segundo ano está focado no ensino da decodificação da língua e nas questões pertinentes ao uso do código linguístico deixando de lado outras questões sobre o entendimento do texto e do contexto seja do aluno ou dos textos que estes têm contato.

### **c) Planos de aula terceiros anos**

A análise dos planos do terceiro ano não foi tão extensa com dos anos anteriores, nos detivemos nas atividades voltadas para formação do leitor e deixamos as atividades voltadas para outros assuntos.

01/02 - Ler oral e coletivamente o texto do gênero poesia.

Poesia: Arte de compor através de versos; modo de expressão artística caracterizada pelo uso de regras de sons ou de estruturas sintáticas específicas. Gênero literário composto por esse modo de expressão.

No primeiro dia de aula já temos uma drástica mudança de postura da professora C, não temos mais preocupações com a decodificação e um estudo de um gênero textual literário é iniciado. A professora faz uma leitura coletiva do poema o que permite que os alunos questionem partes que não entendem e possibilita que a professora explique partes que ela julga necessária, além de outras questões de entendimento que podem aparecer. A professora está preocupada com ensinar a estrutura do poema e seu funcionamento.

02/02 – Conversar sobre a importância do nome e sobrenome dos membros da família e local de moradia.

04/02 – Pesquisar a história do nome e produzir um texto

Nos dois dias anteriores temos aulas sobre o nome, aulas essas que já forma exploradas em séries anteriores, mas que aparecem aqui por uma imposição do currículo.

05/02 – Pedir para os alunos ler oral e coletivamente o texto do gênero Poesia. Depois de cumprida a exigência curricular voltamos ao poema, agora temos a apresentação do gênero para toda a turma.

08/02 – Assistir o vídeo da história; JOÃO E MARIA. Apresentação e exploração da obra literária. Leitura e interpretação da obra literária com identificação das características dos personagens. A professora optou por usar o vídeo e não o texto de João e Maria, como os alunos não tem por hábito ler na escola ou fora dela este formato é o mais rápido para apresentar uma obra literária. A professora começa a ensinar as características de uma obra literária.

09/02 – Iniciar a atividade fazendo, com os alunos predição do texto a partir do título. Em seguida lerem voz alta, juntamente com os alunos, o conto JOÃO E MARIA. A professora agora está usando a obra em seu formato de livro,

mas ela escolheu a obra que está disponível no programa de literacia do governo federal. Nesta adaptação todos os conflitos foram retirados da história o que deixa a obra literária sem aquilo que lhe é de mais precioso a controvérsia do espírito humano. Nesta versão João e Maria não são abandonados, eles se perdem em um passeio e não temos uma madrasta, temos uma mãe desesperada com o desaparecimento dos filhos e a família não passa fome, tudo é perfeito e feliz.

10/02 - Lançar questionamentos para os alunos sobre o cuidado e o abandono de crianças por parte dos pais e /ou responsáveis. Produzir um texto discorrendo sobre a atitude da família de João e Maria. (10 a 20 linhas.) Parece que a professora está confusa ou não percebeu que o texto que ela usou não se parece com o texto original que ela conhece. Não temos atitude dos pais de abandono, as crianças se perderam por acidente e os pais estavam preocupados com o sumiço dos filhos.

12/02 - Junto com os alunos criar nova versão para o conto, João e Maria, observando os valores de respeito ao próximo. Vemos que a professora está pensando na história original de João e Maria e não na versão que ela ofereceu aos seus alunos. Se ela estivesse trabalhando a versão que ela ofereceu veria que não há conflito e os valores que ela deseja trabalhar não fazem sentido porque os meninos não foram abandonados na versão da história que ela apresentou.

22/02 – Leitura e interpretação do poema Diversidade. Conversar sobre diversidade cultural e humana, destacando características e diferenças culturais. Retomar ao texto Diversidade e ler as palavras: Diversidade e Esquisito. Debater o poema. A professora voltou a poesia agora para tratar de diversidade humana, é um trabalho que leva em conta a opinião do aluno já que um debate sobre o tema está previsto nas atividades.

23/02 – Leitura oral e coletiva do poema Diversidade. Qual a funcionalidade do poema? Quem é a autora do poema? Na sua opinião alguém pode ser considerado esquisito? Por que? Na primeira parte da atividade a professora se preocupou com as questões de significado do poema e nesta parte com as questões estruturais do poema. É um caminho interessante porque

temos as duas partes que devem ser trabalhadas quando fazemos letramento literário.

24/02 – No Poema DIVERSIDADE - Leia a primeira e segunda estrofes e circule as características e escreve-as no caderno. 2-Há quantas rimas na primeira estrofe? 3- Reescreva a terceira estrofe e mude o final do último verso.

26/03 – A composição de um poema: verso, estrofe e rima.

O trabalho com este gênero textual percorreu todo o semestre e outros gêneros foram introduzidos enquanto o trabalho com o poema continuava. Ora eram trabalhadas questões de interpretação textual, ora eram trabalhadas questões estruturais. O trabalho desta professora seria mais profundo se os alunos estivessem inseridos em uma comunidade leitora o que lhes proporcionaria um repertório vasto de poesias e de outros gêneros literários ampliando as suas experiências como leitores e aprimorando suas habilidades sociais e culturais.

#### **d) Planos do quarto ano**

Nos planos de aula dos quartos anos só encontramos atividades voltadas para os usos gramaticais e atividades como as descritas abaixo que usam o livro didático. Nos quartos anos temos um uso sistemático do livro didático.

23/04 – Lê a fábula ‘O mosquito e o touro’ na p.37 e faça a atividade na p.38 no livro didático Oficina de Português e atividade no caderno.

As atividades do quarto ano seguem o modelo que vimos nos dois primeiros anos iniciais da escola com a diferença que está baseada no livro didático e não em atividades em folha. As atividades com texto oferecem perguntas onde os alunos retiram do texto as informações solicitadas.

17/05 – Ler o conto: Parte 1 ‘Os sete corvos’ nas págs16,17. Resolver a compreensão do texto nas págs.18,19,20.

Nos dois exemplos que escolhemos temos a síntese das atividades voltadas para as turmas de quarto ano. Enquanto as turmas de terceiro ano tiveram a oportunidade de entrar em contato com vários gêneros textuais e diferentes autores. Os alunos do quarto anos fizeram atividades no mesmo

modelo que já está padronizado em livros didáticos. Perguntas sobre o texto, atividades ortográficas e atividades gramaticais.

### **e) Planos de aula dos quintos anos**

Usamos da mesma estratégia que usamos nos planos do quarto anos para analisar os planos do quinto anos. Diferente do quarto anos temos uma preocupação com a leitura de obras literárias que são ofertadas pela professora para turma com intervalo de 15 dias ou 30 dias.

27/01 – L. Portuguesa: Artes: Iniciar a aula pedindo aos alunos que façam a leitura do livro literário - Por que eu não posso ir lá fora. Após realizar as atividades propostas. Questões sobre o livro: “Por que eu não posso ir lá fora?” Autora e ilustradora: Tatyanny F. Araujo 1. Quais eram os questionamentos da criança no início do livro? 2. O que a mãe explicou para a filha? 3. O que acontece quando tocamos nos objetos?

01/02 – Iniciar a aula apresentando o livro Literário - Lagarta na primavera via em seguida enviar em pdf para apreciação e realização de atividades. Questões sobre o livro: Lagarta na primavera. Autora e ilustradora: Susan Hood/ Claudine Gévry. 1. Qual o título do livro que estamos estudando? 2. Quem é a autora do livro? 3. Quem é a ilustradora do livro?

25/02 – Enviar o livro literário Lápis cor de pele em pdf. Questões de estudo do livro literário - Lápis cor de pele. 1. Qual assunto central do livro? 2. Por que as personagens principais tiveram dificuldade em realizar a pintura das pessoas? Ilustre a história. 3. Qual conclusão chegaram após observarem as pessoas que passavam e também que conviviam com elas? 4. O que você achou do livro?

20/05 – No livro “Aprender Juntos Língua Portuguesa 5”, nas páginas 198 e 199 (livro novo) ou 211 e 212 (livro velho), “Caminhos da língua”. Vamos levar os alunos a trabalhar a concordância entre pronomes e verbos, para futuras produções.

Ao olharmos o trabalho executado pela professora no quinto ano vemos que há uma preocupação com a leitura de textos literários, mas as perguntas ainda seguem o mesmo modelo que era usado com os alunos dos primeiros e

segundos anos. Perguntas que exigem do aluno uma leitura do texto para retirar a informação solicitada, não há lugar para debates em sala de aula sobre os textos lidos. Temos uma oferta maior de textos para os alunos e uma conciliação entre as atividades do livro didático e as atividades feitas com o livro literários.

### **3.3 Sugestão de trabalho com letramento literário na escola**

Como podemos observar com base nos documentos da escola o trabalho com a literatura é, quase sempre, um pretexto para atividades voltadas para conceitos gramaticais ou para se trabalhar um assunto que se relacione com o momento festivo do ano. As atividades aqui sugeridas devem acompanhar as atividades de círculo de leitura indicadas anteriormente, o professor é um orientador e observador; e o aluno executa o trabalho.

Antes deste momento vejamos o que pode ser feito em uma escola para ajudar no processo de formação de leitor. As ideias aqui contidas estão relacionadas com nossos 21 anos de experiência em atividades com leitura e formação do leitor nos 3 estados em que trabalhamos e nas inúmeras escolas que lecionamos.

Primeiro queremos lembrar que a atividade com a leitura em si já é uma grande atividade. O professor leu, falou sobre as coisas e as palavras desconhecidas, comentou como as imagens ajudam a contar a história ou como ela não ajuda, ouviu seu aluno, pensou sobre as questões que ele levantou, compartilhou sua experiência como leitor e ampliou a experiência do aluno, maravilhoso! Há momentos em que esse trabalho é tudo a ser feito naquele momento, se for esse o caso feche o livro e pense, o trabalho está feito.

Lembramos que o professor poderá continuar com o trabalho na próxima reunião no círculo de leitura já exposto no item 3.1. Caso a simples leitura não seja suficiente para este dia e sugerimos trabalhos com as categorias gramaticais, em especial os adjetivos e advérbios. Nas histórias de literatura infantil é comum que as personagens sejam qualificadas de várias formas, podemos identificar essa qualificação e ampliar o conhecimento sobre a utilização de termos da teoria literária.

Por exemplo: os alunos podem apresentar o protagonista e o antagonista, aqui temos a oportunidade de explicar o que é cada um deles e ainda podemos falar das personagens secundárias. Os alunos podem usar os adjetivos que aparecem no próprio texto ou criar adjetivos com base em sua própria percepção. Também teremos a oportunidade de trabalhar com os advérbios e mostrar como são usados para dar a ideia de intensidade, negação, dúvida ou o que o livro apresente se ele apresentar ou ainda podemos proporcionar ao aluno o uso de advérbios em lugares onde eles poderiam dar um novo sentido ou ampliado um sentido que já aparece no texto.

Como está a capacidade de síntese dos alunos? Depois de uma leitura efetuada pelo professor ou pelos alunos, temos a oportunidade de ampliar o poder de síntese dos discentes, basta pedir que os alunos façam um resumo por escrito ou oral do texto que acabaram de ler ou ouvir. Aqui temos uma oportunidade de mostrar como um texto é construído e qual é seu enredo. Podemos mais uma vez trabalhar elementos da teoria literária e da produção de texto. Mostrando qual é a ideia principal e quais são as ideias secundárias. Mostrando estruturas como frase, oração e período e ainda podemos mostrar como são estruturadas para formar o parágrafo e o texto.

Podemos também trabalhar por escrito ou oralmente uma atividade que gostamos de chamar de você é o autor, nesta atividade o professor pode solicitar ao aluno que ele refaça uma das partes do texto, pode ser o começo, o meio e ou o fim. Com essa atividade podemos mostrar como uma história pode ter várias maneiras de começar, de continuar e de terminar, ainda podemos estimular os alunos a pensar, quando modificamos o começo ou o meio da história, o final imaginado pelo autor ainda é realizável? Temos aqui um ótimo exercício para depois da leitura de um texto literário.

Uma boa ideia é produzir material, como se faz nas redes sociais, podemos pedir que os alunos produzam material sobre o que leram para publicar nas redes sociais e ainda trabalhar as diferenças de mensagens que uma ou outra rede social normalmente suporta. Por exemplo, um texto produzido para o Instagram não pode ou pelo menos não deve ser o mesmo texto produzido para Facebook. Temos aqui também uma oportunidade de criar um blog que é alimentado coletivamente pelos alunos com os comentários deles sobre as



leituras que fazem dentro ou fora da escola. Se criou um diário de leitura no círculo de leitura é uma boa ideia publicá-lo também. Assim os alunos poderão divulgar o blog em suas próprias redes sociais.

Ainda na linha de usar as redes a favor da literatura, podemos pedir que os alunos criem uma campanha de marketing sobre os textos que estão lendo dentro e fora da escola e também dos blogs, canais e debates que acontecem em torno destas leituras. Aqui podemos trabalhar juntamente com o a literatura outros gêneros textuais, neste caso os ligados ao jornalismo. Podemos mostrar o que é uma pauta, uma manchete, um comercial, etc.

Se o professor leu com seus alunos um material que de alguma forma os deixou inquietos e se o professor está trabalhando com textos contemporâneos, terá a oportunidade de trabalhar outro gênero textual em função da literatura, a carta. Podemos solicitar aos alunos que escrevam uma carta para o autor explicando que o texto o afetou. Podemos também aproveitar e trabalhar o gênero correio eletrônico uma vez que são muito similares, mas em plataformas diferentes.

Sugerimos na parte de círculo de leitura que um clube do livro seja criado, esse clube sugerido anteriormente tem seus livros produzidos pela escola como já explicamos naquele item, mas também podemos criar um clube do livro que envolva trocas de livros entre os participantes. Podemos envolver outras escolas, outros alunos para ampliar a comunidade leitora que está sendo criada. Neste caso podemos usar a internet, as redes sociais, para divulgar esse clube e as trocas de livros. Aqui podemos trabalhar com os alunos a criação de um estatuto que regula como as trocas funcionam e como são feitas as mediações. Sugerimos que os livros que serão trocados sejam remetidos para escola e enviados pela escola para que as trocas sejam efetivadas sem maiores complicações. Podemos ainda falar aqui da lei de incentivo à leitura que permite que um livro seja enviado pelo correio com o menor custo que existe. Ainda podemos trabalhar esse gênero textual, a lei.

A pesquisa é mais uma ferramenta que podemos inserir em sala de aula. Podemos ensinar como uma pesquisa é feita, a importância das fontes consultadas, quais as diferenças do conhecimento científico e do senso comum.

Após a leitura de um texto literário, dependendo do que este pode oferecer, podemos solicitar uma pesquisa sobre o lugar onde a história acontece, sobre o autor do texto, sobre o tempo em que a obra foi escrita, coisas do tipo; como era a comunicação, já existia celular, etc. Após a pesquisa podemos organizar os já muito conhecidos, mas sempre interessantes debates. Indicamos que os debates sejam feitos depois das atividades de pesquisa para que as pessoas que vão debater tenham informação sobre o que vão falar baseadas em pesquisa. Os debates são mais inflamados se o assunto tratado pelo autor seja polêmico o que possibilita termos lados opostos de pensamento e onde temos a oportunidade de ajudar nossos alunos a respeitar as opiniões de seus adversários.

Outra atividade que deve acompanhar os alunos ao longo de suas vidas escolares é a declamação de poesia. Lendo poesias, declamando poesias os alunos vão desenvolvendo suas capacidades orais e com o tempo diminuindo a timidez comum em atividades escolares. Depois que esta prática de declamar poesia estiver fluindo pela escola, podemos realizar um sarau de poesia onde os alunos poderão declamar a poesia de outros autores ou a sua própria poesia. Este evento pode envolver toda a comunidade ou uma turma. O importante é que você terá a oportunidade de ensinar sobre rima, verso e outras coisas relacionadas a poesia. Podemos também pedir para os alunos transformarem a poesia em música e mostrar como a poesia e a música estão próximas, as atividades já sugeridas com textos em prosa também podem ser executadas aqui, como dar um novo final ao poema, um novo início, inserir estrofes ou retirar estrofes ou versos.

Na atividade do círculo de leitura podemos trabalhar com texto de temática parecida, assim podemos ver o mesmo problema ou questão sob óticas diferentes, essa atividade possibilita ampliarmos a visão sobre uma temática qualquer e ainda podemos utilizar juntamente com essa atividade o debate, mas agora mais focado na argumentação, no ponto de vista que cada obra oferece sobre aquele tema.

Os contos de fadas, em especial, costumam ter finais que possibilitam a continuação da história, ou seja, o texto não termina, só vai até o feliz para sempre, o texto para quando o conflito do protagonista e do antagonista se

resolve. Uma boa atividade é pedir que os alunos pensem no desdobramento do conto depois daquele momento, podemos pedir que os alunos falem o que acontecerá depois de 1, 2, 10 dias ou de 1, 2, 10 anos, esse pensamento sobre o futuro é sempre um exercício interessantes e faz com que os alunos possam fazer teceduras com o texto e com suas próprias experiências.

Agora o teatro, uma atividade que envolve normalmente muita preparação e dedicação de todos os envolvidos, mas que normalmente costuma ser uma atividade gratificante. Aqui temos uma oportunidade de trabalho ímpar, podemos trabalhar o próprio texto teatral e mostrar alguns dos seus segredos e mistérios, ou podemos transformar um texto em prosa ou em verso, em um texto teatral.

Nos dois casos os alunos poderão conhecer o gênero, trabalhar a memória, as maneiras de se expressar e pensar mais profundamente o que as expressões humanas significam. Além disso, quando os alunos estiverem sendo preparados para interpretar as personagens podemos inserir um novo gênero textual, a entrevista. Mostramos como as entrevistas funcionam, como são as entrevistas estruturadas e semiestruturada, as entrevistas de jornais, etc. Podemos pedir para o aluno que fará o vilão, se for o caso, que dê uma entrevista como se ele fosse a personagem e também podemos estender as atividades para outras personagens.

Outra maneira sempre interessante é o teatro de fantoche, as crianças podem produzir os fantoches baseados nas imagens contidas no livro ou em sua própria imaginação. Teremos resultados interessantes quando a criança imagina além da imagem, quando ela forma a sua própria imagem ou podemos ler o texto que será interpretado sem que elas tenham contato com a imagem contida no livro, depois podemos até comparar a imaginação do ilustrador com a ilustração da criança.

Outra atividade interessante é a de contar a história por meio das imagens, ou seja, o leitor é o ilustrador, podemos convidar um ilustrador para contar como é o processo de ilustração de uma história, será que ele recebe as ideias prontas? Será que a imaginação fica por conta do próprio ilustrador? De qualquer forma o aluno será incentivado a ler o texto e a partir dele ilustrar a história.

Quando o professor estiver trabalhando com um texto que fala sobre assuntos de difícil entendimento, como por exemplo, viagem pelo espaço, pode ser interessante convidar um físico para falar sobre o tema, esse profissional pode dizer se as ideias contidas no texto têm algum fundamento ou se são pura fantasia e ainda pode explicar como seria possível tal viagem. Claro que o convite a um profissional vale para qualquer tema difícil de qualquer área. Pode ser um médico, um policial ou qualquer profissional que esteja envolvido na história devido ao seu conhecimento específico.

Uma atividade interessante e que já está bem vinculada entre os clubes de livros são os mapas de leitura. Nas atividades do círculo de leitura podemos solicitar que nossos alunos criem mapas de leitura de várias maneiras diferentes, pode ser um mapa divertido com alertas interessantes, por exemplo, o lobo é um mentiroso e aproveitador, a chapeuzinho é desobediente o caçador é também médico e cirurgião. Os alunos seguramente criaram alertas mais interessantes e criativos. Ainda nessa atividade de mapa de leitura podemos pedir que os alunos façam guias turísticos da história, no caso descrito, como seria o bosque da personagem Chapeuzinho Vermelho, descrição da casa da personagem chapeuzinho para comer guloseimas feitas pela sua mãe.

Uma atividade muito divertida é a criação de jogos com base no livro. Os alunos podem criar jogos no estilo do ludo percorrendo todo o caminho e aventuras da protagonista com as escolhas e os aprendizados feitas pela protagonista. Outros tipos de jogos também podem ser desenvolvidos como jogos de xadrez contendo reis e rainhas de histórias lidas e outras personagens. Podemos fazer gincanas onde os conhecimentos das histórias levam ao próximo passo e no final temos uma premiação para o grupo ou pessoa que chegar primeiro. Além disso podemos fazer brincadeiras com perguntas e respostas onde quem acerta as perguntas sobre os textos ganha.

Os quadrinhos permitem atividades também muito trabalhosas, primeiro precisamos saber que quanto menor o desenho, mais difícil é de fazer, não espere pegar uma folha A4 e dividir em quadrinhos para que seu aluno desenhe. Os profissionais fazem um quadro por folha A4 ou desenharam direto no computador utilizando o mesmo tamanho, só depois que o desenho é colocado em seu formato digital.

Dito isso, indicamos que adaptações de histórias sejam feitas inicialmente, transforme uma história que os alunos gostaram em quadrinho, assim podemos trabalhar com pequenos grupos e teremos a oportunidade de ensinar sobre esse gênero, falando dos muitos formatos de balões, da relação fundamental que se estabelece entre a imagem e o texto nas histórias em quadrinho. Também existe a possibilidade de fazermos os quadrinhos direto na internet, existem alguns sites especializados nessa arte e assim, mais uma vez podemos usar as redes sociais dos alunos para divulgação dessas adaptações e claro podemos usar o blog do círculo de leitura.

Uma atividade desafiadora para os alunos é criar um marcador de livro que contenha uma ilustração que represente a história de um lado e um mapa conceitual do outro. Claro que será necessário que se ensine como se faz um mapa conceitual antes dessa atividade, crie mapas conceituais junto com os alunos mostrando o passo a passo e depois os desafie a criar seus próprios mapas conceituais em um marcador de livro, será necessário que o aluno exercite seu poder de síntese e suas habilidades estéticas para criar esse mapa marcador de livro.

Podemos estimular os alunos a produzir versos quando solicitam qualquer coisa ou podemos criar um mural de recados poéticos. Assim os alunos podem receber e deixar recados em versos para os colegas ou para os professores. Aqui podemos demonstrar a versatilidade da poesia em toda a sua forma, rima e engenhosidade. Podemos ter a semana, o mês da poesia cubista, dadaísta, expressionista e assim por diante. Os alunos entraram em contato com os vários tipos de poesias e poderão escrever suas próprias poesias.

Ainda no tema poesia podemos solicitar aos alunos que façam uma música tema para personagem das histórias que estamos lendo, podemos fazer um paralelo com as telenovelas e seus temas. Podemos solicitar música tema para o livro, para as personagens e assim por diante.

Não é incomum que algumas histórias apareçam em desenhos animados ou em animações, em alguns casos teremos também a história em formato de filme. Podemos fazer uma atividade onde veremos as diferenças entre o livro e sua adaptação. Aqui temos a oportunidade de trabalhar o gênero roteiro,

podemos fazer um paralelo entre o livro, o roteiro e o teatro. Mostrar como as histórias aparecem em cada formato e permitir que os alunos pensem os por quês das diferenças e das similaridades.

Quando estamos trabalhando com narrativas de livros infantis podemos ter dois tipos de personagens, as lineares que permanecem iguais do início da história até o fim e as e as personagem esféricas que mudam ao longo da narrativa. Sabendo disso podemos direcionar a atenção de nossos alunos para as personagens e perguntar o que mudou ou não mudou ao longo da história? O aluno pode marcar essas informações em seu diário de leitura. Aproveitamos para ensinar mais esse conceito sobre personagens em uma narrativa.

No Brasil, é comum por questões de mercado, que o nome do filme seja traduzido para outros que em nada se relacionam com o título original do filme. O filme *Se beber não case* que em Inglês tem o nome de *Ressaca* é um caso interessante porque em uma de suas sequências não há casamento. Podemos solicitar aos nossos alunos novos títulos para histórias que estamos lendo, que outro título ou títulos seriam possíveis para a história em questão? E se essa história tiver uma continuação como no caso do filme que citamos acima, esse novo título ainda faria sentido?

Um desafio a imaginação é solicitarmos que nossos alunos coloquem uma personagem de outra história, peça que eles coloquem a Branca de Neve na história dos Três porquinhos ou qualquer coisa nesse sentido conforme as histórias que estejamos trabalhando no momento. Peça que eles pensem como vamos inserir essa personagem sem que a história perca o sentido, como eles farão para que essa personagem passe a fazer parte do enredo, será um grande desafio se a personagem sugerida for também uma protagonista ou um vilão.

Podemos também solicitar que os alunos façam um cartaz que pode ser em cartolina ou digital, nos moldes dos cartazes do cinema ou da Netflix onde há uma imagem e um pequeno texto publicitário que é feito para te convencer a assistir ao filme, no nosso caso o aluno fará o cartaz com o intuito de convencer alguém a ler o texto. Uma forma interessante de fazer esse cartaz é produzir um obituário da personagem principal ou de algum personagem marcante.

Para nossa última sugestão temos a feira de livro, para essa feira podemos convidar editoras locais ou livreiros que levarão material para feira, podemos solicitar doações desses comerciantes e claro podemos produzir outros textos nos moldes que explicamos na atividade do círculo de leitura no início deste capítulo. Além da possibilidade de venda de livros, podemos proporcionar estandes de troca, conversa com autores que podemos convidar para participar, podemos ter palestras com leitores e autores, atividades de declamação de poemas e muitas outras atividades que já realizamos na escola. Essa é uma oportunidade de trazer a comunidade para escola para conhecer o trabalho dos alunos e dos professores.

O trabalho com formação de leitor, o trabalho com letramento literário envolve muita preparação e dedicação. É fundamental que o professor seja um leitor, entendemos que não é possível formar um leitor se o formador não é também um leitor.

Sabemos que a formação do leitor é um processo e não importa em que parte do processo o professor se encontra, este poderá sempre continuar a se formar. Dentro da plataforma do MEC temos cursos de formação gratuitos que proporcionarão um começo para esta formação.

Muitos estados e municípios brasileiros também contam com centros de formação para os professores, podemos e devemos acompanhar essas formações e solicitar outras formações.

As universidades de públicas contam com cursos de extensão e pós-graduação em diversas áreas. Também são comuns os grupos de estudos que versam sobre muitos temas e claro também sobre letramento literário e formação do leitor. Devido a pandemia de corona vírus de 2019 muitos destes grupos se reúnem por meio digital.

Também vale a pena pesquisar nas plataformas acadêmicas o que os pesquisadores têm feito sobre o tema letramento literário e até aqui todas essas sugestões não envolvem grandes custos financeiros.

Podemos fazer cursos de especialização nas universidades, há muitos cursos ofertados sobre a temática leitura e formação do leitor.

O professor poderá olhar na biblioteca da escola os livros que estão disponíveis sobre o tema, é comum ter muitos livros sobre esse assunto na biblioteca da escola, porque o governo federal compra esses livros em grandes quantidades.

O professor poderá comprar os livros sobre o tema, claro que os livros não são tão baratos no nosso país, mas podemos comprar um a cada mês e ler. Criar uma comunidade leitora com seus pares, assim como fará na escola e terá acesso a um grande número de livros.

A cada atividade que o professor for desenvolvendo na escola também estará se formando como leitor, porque o docente terá que ler a aprender, caso ainda não saiba, sobre o gênero que irá ensinar, sobre as estruturas que irá abordar e enquanto prepara todas as atividades vai se formando onde for possível, seja lendo um artigo, um livro, debatendo com seus pares ou conversando com um professor na universidade. O importante é sempre continuar a aprender, porque assim ensinamos melhor.

Não esperamos ter esgotado todas as possibilidades de trabalho com a leitura na escola, só desejamos indicar algumas ideias para que o professor possa adaptar e usar conforme a sua realidade. Acaba de ocorrer-nos outra ideia, podemos criar no Google sala de aula atividades voltadas a leituras que estamos realizando, com questionários, fóruns e textos. Podemos juntamente com esse Google sala de aula criar um grupo no Whatsapp para debatermos esses textos quando não estamos em ambiente escolar com dicas de leitura e quaisquer outras coisas necessárias. A atividade com o círculo de leitura relacionada com outras atividades de leitura citadas aqui pode possibilitar a criação de uma comunidade leitora engajada com novas formas de pensar a arte e de ler. Uma comunidade que frui textos e se forma com eles, uma comunidade que aprende a trocar experiências de leituras e aprende a trocar o próprio livro, que consegue ouvir a opinião dos outros, mesmo quando essa opinião é divergente da sua. Aprende a respeitar e ser respeitado seja na escola ou nas redes sociais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento literário no Brasil percorreu um longo caminho e passou pelo crivo da academia e pelo crivo do trabalho docente em sala de aula. Temos pelo Brasil uma variedade de casos de sucesso com o uso do letramento literário para formação do leitor.

Entendemos que a alfabetização não forma um leitor, mas é uma etapa da formação do leitor muito importante e deve ser feita muito bem. Percebemos que o ideal é alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, ou seja, o ideal é ensinar os processos de funcionamento da língua ao mesmo tempo em que se ensina a entender os textos. Vimos que alfabetizar e letrar são processos diferentes que podem ocorrer juntos, mas que ocorrem separadamente na escola.

Percebemos que a escola tem um grande foco na decodificação do código da língua, na alfabetização nos dois primeiros anos não se preocupando muito com outros processos que envolvem a leitura. Percebemos que a escola não tem um projeto de formação do leitor em seus documentos oficiais e que a preocupação com a leitura é mais presente nas séries iniciais, primeiros e segundos anos especificamente.

Como não há um projeto de formação de leitor na escola, nem no município de Aparecida de Goiânia o trabalho com literatura fica a cargo do professor que pode fazer paralelamente ao uso do livro didático ou não. Mas que o trabalho que o professor realiza com livros literários quase sempre é para fins de atividades gramaticais.

Percebemos ao analisar a escola que o trabalho com o letramento literário é praticamente inexistente, ao menos nos moldes que propomos neste trabalho. Vimos que um trabalho com letramento literário na escola é possível e totalmente viável, mas que necessita do envolvimento de toda a comunidade escolar para se formar uma comunidade leitora.

A formação do leitor passa pela alfabetização, mas de forma nenhuma termina nela. A BNCC (2016) já reconhece uma formação do leitor que vai dos anos iniciais até o último ano do ensino médio e indica que esta formação passa pelo processo de fruição da leitura.

Isso nos leva aos caminhos da educação estética proposto por nós aliados ao letramento literário. A educação estética instrumentaliza nossos estudantes com ferramentas que poderão ser usadas por toda a vida. A harmonização dos dois impulsos humanos permite uma evolução na percepção e no entendimento que nos leva para um estágio de entendimento onde a bondade e a justiça se fazem presentes ao fruirmos pelos caminhos da beleza.

O letramento literário é a ponte que nos permite explorar todas as sensações humanas vividas pelos autores em suas obras literárias. É o letramento literário que nos instrumentaliza com esses conhecimentos acerca do texto e quanto mais vamos aprendendo, mais queremos aprender, quanto mais vamos conhecendo, vamos querendo conhecer; logo as narrativas simples já não nos satisfazem e queremos ir mais fundo nas experiências humanas pelo mundo.

Quando observamos o trabalho feito na escola percebemos que ainda há muito a ser feito, que uma discussão sobre a formação do leitor na escola precisa ser feita e que caminhos precisam ser pensados e traçados. Percebemos que este caminho não nos será indicado por quem está no poder, que seus programas de incentivo à leitura são inexistentes ou insipientes.

Demonstramos teoricamente que existe um caminho possível para a formação do leitor na escola, mesmo sem o apoio dos governos. Que os problemas que se impõem podem ser superados na escola se o problema da formação do leitor for pensado e enfrentado na escola.

Vimos que devemos partir do mundo dos alunos e criar pontes para que eles possam passar de seus mundos para outros mundos ainda desconhecidos e que o professor deve servir de guia neste processo de conhecimento até que esses novos mundos integrem o mundo do discente e o auxílio do professor não seja mais necessário porque esse novo mundo agora se torna parte do mundo do estudante.

Vimos que a literatura oferece um caminho possível, empolgante e maravilhoso que ajuda o aluno a pensar sobre suas questões e sobre questões que ele nem sabia que existiam. Percebemos que este trabalho com a literatura é capaz de modificar o estudante de forma permanente, ampliando seus

conhecimentos linguísticos, psicológicos, de seu próprio mundo e do mundo que nos rodeia, ampliando e estimulando a criatividade; sendo capaz de mostrar mundos que seriam inacessíveis por outros meios.

Vimos que o simples contato com os livros não garante a formação de um leitor, que se faz mister uma comunidade de leitores para se formar o leitor, uma comunidade que garanta o acesso ao texto, que ajude a pensar nos textos e que permita que os alunos reflitam sobre o texto e tenham voz ao falar sobre eles.

Percebemos que nem toda leitura é válida, que conhecimentos prévios são necessários para se fazer algumas leituras.

Sabemos que formar um leitor é um processo longo que passa por todos os anos escolares e que se feito em uma lógica de formação continuada poderá formar um leitor capaz de continuar se desenvolvendo quando este sair da escola e não mais tiver o professor para segurar em sua mão.

Um país que forma leitores em suas escolas é um país que poderá se desenvolver melhor. Um professor que ensina uma criança a ler possibilita o infinito nas páginas de um livro. E formará um cidadão capaz de aprender e se desenvolver em qualquer campo que escolha transformando a sociedade em que vive.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. de (Coord.); BARCO, F. L. M. FICHTNER, M. P. RÊGO, Z. L. G. P. **Era uma vez... na escola:** formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ALBUQUERQUE, Eliana, B. C et al. **Alfabetização e letramento:** conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ARENA, D. B. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: SOUZA, R. J. (et al.) **Ler e compreender:** estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado das letras, 2010.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura.** São Paulo: Cortez, 1994.
- BRANDÃO, H.M.B.; MACHADO, M. Z. V. (org.) **Escolarização da leitura da literatura:** o jogo do livro infantil e juvenil. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação e do desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CADEMERTORI, L. **O que é literatura infantil.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização sem o bá-bé-bi-bo-bu.** São Paulo: Scipione, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 8ª ed. São Paulo: Quercus, 2000.
- CANDIDO, Antonio. Literatura, espelho da América? **Luso-brazilian Review**, n. 32 p 15-22, 1995.
- CASTELLS, M. A. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COELHO, N. N. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: contexto, 2020
- \_\_\_\_\_ **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: contexto, 2020.
- \_\_\_\_\_ **Paradigmas do ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 2020.
- \_\_\_\_\_ **Como criar círculos de leitura na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2021.
- DALVI, Maria Amélia, REZENDE, Neila Luiza de, FALEIROS, Rita Jover, org. **Leitura de literatura na escola,** SP, São Paulo, Parábola, 2013.
- FRYE, Northrop. **A imaginação educada.** Campinas, SP, Vide Editorial, 2017.
- JOUVE, Vicente. **Por que estudar literatura?** São Paulo, Parábola, 2012.
- KEIMAN, A. Modelo de letramento e práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (org.) **Os significados do letramento:** uma nova perspectiva sobre práticas sociais de escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- LAJOLO, Marisa ; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** 3 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador** 2. Ed. SP Ática 1988.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 4 ed. São Paulo: Global, 2016.

- MORTATTI, M do R. L. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.
- PAULINO, G. O. COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMEN, R.; RÖSING, T. M. K. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.
- PAULINO, G. O. O mercado, o ensino e o tempo: o que se aprende com a literatura que se vende? In: PAIVA, A. MARTIN, A. PAULINO, G CORRÊA, H. VERSIAN, Z. **Literatura** – saberes em movimento. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.
- PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.
- RODRIGUES, Olira Saraiva. As singularidades de espaços culturais imersivos de leitura em uma experiência estética, Revista Prisma, Portugal nº 41, p. 41 -47, 2020, ISSN:1646-3153
- ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- SANTOS, Marcelo Sousa. **Educação e Letramento** SP: UNESCO, 2004.
- SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Alegre, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986.
- SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura na sala de aula: da teoria literária a prática escolar. PG Letras 30 ano, 2013, vol.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamente. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 2 ed. SP Ed. Cortês, 1993.
- SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A.A.M **Livro, alfabetização e letramento** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008
- \_\_\_\_\_. **Letramento**: tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- WALTY, I. L. C. Literatura e escola: anti-lições. In: In: EVANGELISTA, A.A.M., BRANDÃO, H.M.B.; MACHADO, M. Z. V. (org.) **Escolarização da leitura da literatura**: o jogo do livro infantil e juvenil. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986.
- SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. São Paulo: Nova Fronteira, 2013.
- YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.
- ZILBERMAN, R. A. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.
- ([https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/d9765.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/d9765.htm) acessado em 21/10/2021 acessado em 21/10/2021 as 17:33

(<https://www.aparecida.go.gov.br/projeto-geladeira-literaria-chega-a-aparecida/>) acessado 16:42 dia 21/10/2021.

<https://www.aparecida.go.gov.br/secretaria-municipal-de-educacao-lanca-projeto-ler-faz-bem-nesta-terca-feira-27/> Acessado 16:34 dia 21/10/2021.